

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM TEOLOGIA

OSIEL GOMES DA SILVA

A IMPORTÂNCIA DA ORAÇÃO PARA UMA VIDA DE FÉ

São Leopoldo
2018

OSIEL GOMES DA SILVA

A IMPORTÂNCIA DA ORAÇÃO PARA UMA VIDA DE FÉ

Trabalho final de Mestrado Profissional para
obtenção do grau de Mestre em Teologia pelo
Programa de Pós-Graduação em Teologia
das Faculdades EST.
Linha de pesquisa: Leitura e Ensino da Bíblia.

Orientador: Júlio César Adam

São Leopoldo
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586i Silva, Osiel Gomes da
A importância da oração para uma vida de fé / Osiel
Gomes da Silva ; orientador Júlio César Adam. – São
Leopoldo : EST/PPG, 2018.
69 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa
de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,
2018.

1. Oração. 2. Oração – Ensino bíblico. 3. Oração –
História. I. Adam, Júlio César, 1972- . II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

OSIEL GOMES DA SILVA

A IMPORTÂNCIA DA ORAÇÃO PARA UMA VIDA DE FÉ

Trabalho final de Mestrado Profissional para
obtenção do grau de Mestre em Teologia pelo
Programa de Pós-Graduação em Teologia das
Faculdades EST.

Linha de pesquisa: Leitura e Ensino da Bíblia.

Data de Aprovação: _____

Júlio César Adam – Doutor em Teologia – EST-PPG

Flávio Schmitt – Doutor em Teologia – EST-PPG

AGRADECIMENTOS

Agradecer é prestar reconhecimento; manifestar gratidão, tanto em obras como em palavras.

Nesta obra, desejo agradecer ao grande amor da minha vida: Aderian Henrique, minha fiel esposa, que me tem apoiado em tudo, concedendo alegria, prazer, felicidade, comunhão e amor. Você, meu bem, é uma fonte de inspiração para a minha vida.

Agradeço a Deus pela vida de minhas duas filhas, Dhayna e Delva, que amo muito.

Agradeço a Deus pela existência dos meus genitores; sem eles eu não estaria aqui.

RESUMO

Uma abordagem da prática da oração para uma vida de fé desde personagens bíblicos do Velho Testamento até do Novo Testamento, enfatizando os ensinamentos de Jesus e de alguns apóstolos, como Paulo. Um realce também sobre a praticidade da oração desenvolvida pela Igreja Primitiva. Na primeira parte se atenta para a definição da oração e sua natureza, destacando-a como um diálogo com Deus que gera comunhão e fé, e, para uma compreensão mais precisa do que seja a oração, busca-se uma definição bíblica e teológica, evidenciando a questão da fé. Na segunda parte, se dá relevância à vida de oração e de fé dos tempos dos pais da igreja, dentre outras personalidades, esclarecendo que, ainda que de forma bem primitiva, eles receberam de Deus, através da revelação, as orientações para que pudessem orar conforme o Seu querer. A perfeição da oração surge no período do Novo Testamento com a ênfase que Jesus dá para se orar pedindo a vontade do Pai, segundo os Seus mandamentos. Na terceira parte, o enfoque é sobre o olhar teológico quanto à oração, falando da importância do conhecimento de Deus e de Sua Palavra para um encaminhamento da verdadeira fé, que levará a pessoa que ora a desenvolver orações segundo os padrões divinos. A teologia ajuda a pessoa orante a perceber a quem se ora, ou seja, o foco da oração, assim ela gerará consequências positivas para a vida, tanto como ações de graças, louvores e adoração ao Pai. Para este trabalho, recorreu-se a conteúdos bíblicos, teologias sistemáticas entre outras obras que serviram como referenciais à oração em um mundo dito pós-moderno.

Palavras-chave: Oração. Tradição bíblica. Fé. Espiritualidade.

ABSTRACT

An approach to the practice of prayer for a life of faith from biblical characters from the Old Testament to the New Testament, emphasizing the teachings of Jesus and some apostles, such as Paul. A highlight also about the practicality of prayer developed by the early church. In the first part it is attentive to the definition of prayer and its nature, highlighting it as a dialogue with God that generates communion and faith, and, for a more precise understanding of what prayer is, seeks a biblical and theological definition, highlighting the question of faith. In the second part, it gives relevance to the life of prayer and faith of the times of the fathers of the Church, among other personalities, clarifying that, although in a very primitive way, they received from God, through revelation, the guidelines so that they could pray as the Your wish. The perfection of prayer arises in the period of the New Testament with the emphasis that Jesus gives to pray for the will of the father, according to his commandments. In the third part, the focus is on the theological look at prayer, talking about the importance of the knowledge of God and His word for a referral of true faith, which will lead the person who prays to develop prayers according to divine standards. Theology helps the prayerful person to perceive to whom they pray, that is, the focus of prayer, thus it will generate positive consequences for life, as well as Thanksgivings, praises and adoration of the father. For this work, biblical content is used, systematic theology among other works that served as references to prayer in a post-modern world.

Keywords: Prayer. Biblical tradition. Faith. Spirituality

SUMÁRIO

Introdução	7
1 Uma definição de oração e fé	10
1.1 Introdução	10
1.2 Definição de oração	11
1.3 A natureza da oração	14
1.4 A fé na oração	16
1.5 Conclusão	17
2 A relevância da oração para uma vida de fé segundo o modelo bíblico	19
2.1 A importância da oração e a vida de fé no Antigo Testamento	19
2.2 A importância da oração e a vida de fé no Novo Testamento	22
2.3 A importância da oração e a vida de fé segundo os ensinamentos de Jesus	23
2.4 A importância da oração para uma vida de fé hoje	26
2.5 O que a oração pode ofertar	32
2.6 A relevância da oração	37
2.7 Conclusão	42
3 Aspectos teológicos sobre a oração e suas consequências	44
3.1 Um olhar teológico para a oração	44
3.2 Deus como objeto da oração	49
3.3 A dimensão espiritual da oração	53
3.4 A consequência da oração	63
3.5 Conclusão	70
Referências bibliográficas	72

INTRODUÇÃO

Que a oração é um fenômeno universal ninguém pode negar. Historicamente a oração sempre esteve presente no contexto vivencial do ser humano. Todas as pessoas, independentemente de sua religião, oram. Os animistas, os liberais, os cristãos, os muçumanos, enfim, todos os povos têm a oração como parte importante para a vida de comunhão e fé com Deus. Na relevância da oração, cada povo segue o próprio jeito de fazê-la, o que se expressa das mais simples à mais complexas práticas. Uns oram de joelhos, outros, em pé, outros rezam com as mãos justapostas, enquanto outros se curvam até o chão, como os muçumanos, em direção à Meca.

Dentre as práticas, pode-se mencionar a oração como dança, diversos ritualismos e significados podem estar presentes, desde uma invocação de chuva ou preparação para caça ou guerra. Os autores de *O livro das religiões* mencionam a oração como o modo mais simples de todos os ritos e já foi chamada de casa de força da religião. A oração pode ser a comunicação espontânea de um indivíduo com Deus, de maneira que ela não tem uma forma própria, fechada, mas é expressa de modo pessoal¹.

Apesar de a oração ser uma prática constante na vida das pessoas, a importância do ato de orar para a vida de fé, e orar adequadamente, marcam distintas igrejas e comunidades eclesiais. Orar é mais do que balbuciar, pedir ou pressionar a Deus a fazer algo. Por isso, James Montgomery Boice menciona a importância da oração, a qual a maioria das pessoas não entendem com muita clareza devido ao pouco entendimento e conhecimento que têm de Deus, posto que, se não há conhecimento de Deus, a oração perde a essência. Ademais, será confusa².

Oração é o meio de que o ser humano dispõe para se comunicar com o ser etéreo, divino, Deus. Através da oração se desenvolve um relacionamento íntimo e pessoal, uma conversa, o que gera comunhão. Nesse sentido, a oração não pode ser casual, um mero bate-papo, mas ela se delinea como um privilégio de grande relevância, firmado na antologia bíblica.

¹ GAARDER, Jostein. *O livro das religiões*. São Paulo: Companhia das Letras. 2000. p. 26.

² BOICE, James Montgomery. *Fundamentos da fé cristã: um manual de teologia ao alcance de todos*. Rio de Janeiro: Central Gospel. 2011. p. 421.

O presente trabalho tem como objetivo refletir e propor argumentos bíblicos sobre a importância da oração para uma vida de fé, não como uma mera prática, um ritualismo puramente legalista, mas como oxigênio para aquele que expressa sua fé em Deus. A prática da oração para uma vida de fé é necessária para todos, quer seja o teólogo, o pastor, a pastora, o padre, a irmã, o ministro ou a comunidade. Aquela pessoa que a pratica entra em diálogo com Deus, que lhe concede fé para viver a vida cristã.

Buscando alcançar o objetivo aqui proposto, aqueles que desejam entender a dimensão espiritual e teológica da oração para a vida de fé precisam se ater ao conteúdo da Bíblia, onde se evidenciam experiências de homens e mulheres que se davam a essa prática. Essas experiências de vida de oração e fé dos indivíduos presentes no contexto bíblico se tornam um paradigma para os tempos de hoje, de modo que a relevância é histórica e pessoal.

Este estudo foi desenvolvido em três partes. Na primeira busca-se uma definição sobre a oração e a fé, inclusive aquilo que as geram, uma vez que se pode indagar se a oração gera a fé ou a fé gera a oração. As respostas para essa primeira parte estão fundamentadas na Bíblia, com citação a algumas referências.

A segunda parte evidenciará a importância da vida de fé pautada na experiência de personagens bíblicos do Antigo e do Novo Testamento, concatenando a experiência particular de cada um na valorização da prática da oração. Destacar-se-ão também os ensinamentos de Jesus sobre a oração e as implicações que têm para os tempos contemporâneos. Aqui será abordado de modo histórico a oração no contexto vivencial da Igreja Primitiva.

Na terceira parte se dará realce às consequências da oração na contemporaneidade. Para isto serão apresentados alguns princípios bíblicos e, em seguida, será destacada a importância da oração para a vida do teólogo e das comunidades eclesiais, assunto abordado por Paulo em 1 Timóteo 2.1-4, que exorta a todos a desenvolverem a prática da oração para o bem de todos os segmentos da sociedade.

Portanto, o objetivo geral do trabalho é analisar a importância da oração para uma vida de fé. Ela tem que ser dinâmica, viva e marcada por experiências pessoais. A oração não pode ser um fim em si mesma, não tem que ter apenas aspectos

acadêmicos, tradicionais, mas deve ser revestida de simplicidade, acompanhada de fé, que a torna viva e eficaz, como cita o apóstolo Tiago no capítulo 5.16: *“a oração do justo pode muito em seus efeitos”*.

1 UMA DEFINIÇÃO SOBRE ORAÇÃO E FÉ

1.1 Introdução

Que as pessoas oram não se pode negar, mas muitos questionamentos surgem quanto à correta prática da oração. Algumas pessoas questionam se fazem isso para mudar o próprio mundo ou as coisas ao seu redor. Outras perguntam se quando oram podem mudar a Deus. Outras ainda interpelam se quando oram Deus age ou se Deus age na vida de certa pessoa para que ela ore.

A essas e outras questões atinentes à oração surgem inúmeras respostas, que, muitas vezes, nada têm a ver com o teor da Bíblia. Vale dizer que esses questionamentos envolvem não somente pessoas comuns, mas sobretudo teólogos e estudiosos.

Embates calorosos quanto à oração têm acontecido entre calvinistas e arminianos. Os calvinistas entendem que tudo está sob o controle de Deus, inclusive o destino das pessoas, por isso, ao orarem, entregam tudo à soberania divina, ao passo que os arminianos insistem em constantes e prolongadas orações pelas pessoas.

Portanto, entre arminianos e calvinistas existem diferenças quanto ao conceito de oração. Sabe-se, por exemplo, que João Calvino, que cria plenamente na providência divina, tratando sobre a oração refutou aqueles que diziam que Deus se incomoda com as orações supérfluas. Em vez disso, comentou sobre a necessidade de desenterrar, pela oração, os tesouros que Deus tem para cada um³.

Oração e fé andam juntas. Obviamente ao cristão foi ensinado que de tudo quanto tiver necessidade pode se voltar para o Pai, que é Deus, com fé, e terá o que necessita, mas é nesse ponto que reside a questão, pois muitos oram, pedem tudo, mas não recebem. Isso tem gerado fraqueza e esfriamento na fé dos indivíduos. Onde e em quem estaria o problema: em Deus ou em quem ora?

O apóstolo Tiago cita que toda boa dádiva está em Deus e vem de Deus para os seus servos (Tg 1.17), de modo que se deve rejeitar terminantemente que a não resposta à oração esteja em Deus. Quem tem um conhecimento sobre a importância

³ CALVIN, John. *Institutes of the Christian Religion*. Westminster: John Knox Press. 1960. p. 851.

da oração, dentro dos liames bíblicos, entende que Deus é a fonte de todo bem, o Senhor de tudo, e, por isso, jamais ousará pedir algo que não esteja dentro da vontade de Deus. Não pedirá algo com o propósito apenas de realizar seus desejos pessoais. Pela oração o cristão tem acesso direto às benesses divinas da graça e da glória de Deus.

1.2 Definição de oração e fé

No livro *Oração: como começar e continuar orando*, os autores apresentam a seguinte definição para *oração*:

Diz o Catecismo Maior de Westminster: “a Oração é a oferta de nossos desejos a Deus, em nome de Cristo, com a ajuda do Espírito Santo”. Em linguagem clara, orar é simplesmente conversar com Deus- e, quanto mais simples a conversa, tanto melhor. Em outras palavras, orar é conversar com Deus.⁴

Por se tratar de uma experiência pessoal e racional, a oração é algo que acontece somente entre os seres humanos, visto que envolve o lado do intelecto e da fé. A oração é o cérebro de toda religião e a essência da fé cristã. Pode-se dizer que é a pilastra que sustenta a piedade humana. Para Lutero, a oração tinha significado importante; ele ressaltava que aquele que não ora diante da crise ou necessidade recorrendo a Deus certamente não lhe considera como Deus, nem lhe dá a Ele a honra que lhe é devida⁵.

Quem desenvolve a prática da oração constante revela o lado piedoso de comunhão com Deus, posto que evidencia o comportamento daquele que tem a vida imbuída nos ensinamentos das Escrituras.

Sabe-se que o ser humano é gregário. Gosta de desenvolver relação com o seu semelhante e não se conforma até que estabeleça com o outro uma comunicação. Na relação Deus-indivíduo não é diferente: este se põe em oração porque acredita ser o canal por meio do qual se processa a comunicação com Deus.

⁴ BIEHL, Bobb; HAGELGANZ, James. *Oração*. São Paulo: Vida. 1997. p. 10.

⁵ PAIS, Léo Francisco. *Oração*. Rio de Janeiro: Juerp. 1992. p. 26.

Em se tratando da relação social do indivíduo com seu semelhante, o que a caracteriza é a motivação de sua ação, especialmente o fato de agir pensando no outro. Neste sentido, Ana Vasconcelos menciona que:

O indivíduo, por meio de valores sociais e de sua motivação, produz o sentido da ação; isso não quer dizer que cada pessoa possa prever com certeza todas as consequências de determinada ação. Por mais individual que seja o sentido de uma ação, o fato de se agir levando em consideração o outro dá um caráter social a toda ação humana. Sendo assim, o social se manifesta em indivíduos, expressando-se sob forma de motivação interna e pessoal. Para que haja uma relação social, é preciso que o sentido seja compartilhado.⁶

Pode-se falar da relação espiritual do indivíduo para com Deus, que age e sente em favor de suas criaturas, por causa dos feitos de Jesus Cristo. Nessa relação se percebe a sua personalidade dele e motivações em favor do bem de todos. Teologicamente, há que se dizer que existe uma relação do Deus infinito com o finito e essa relação que se processa como ação da bondade divina para com o ser humano; tem-se daí o fundamento para as demais relações. Esse posicionamento é também defendido por Paul Tillich:

Relação é uma categoria ontológica fundamental. Ela é validada tanto na correlação dos elementos ontológicos quanto nas interrelações de tudo o que é finito. A pergunta tipicamente teológica é: pode Deus estar relacionado e, em caso afirmativo, em que sentido? Deus como ser em si é o fundamento de toda relação; em sua vida estão presentes todas as relações situadas para além da distinção entre potencialidade e efetividade. Mas não são relações de Deus com algo diferente. São relações internas da vida divina.⁷

Nessa relação, pode-se perguntar então por que o ser humano entra em diálogo com Deus pela oração. É claro, não se trata apenas de pedir coisas, mas o orante entra em relação com Deus por tomar consciência do que ele fez por meio de Jesus Cristo, seu filho, para lhe abençoar, o que demonstra confiança nele e no seu grande poder. Essa afirmativa está em consonância com o que diz Wayne Grudem:

Deus quer que oremos porque a oração expressa nossa confiança nele e é um meio pelo qual nossa confiança nele pode aumentar. De fato, talvez a ênfase primária de ensino bíblico sobre a oração é que devemos orar com fé, que significa confiança ou dependência de Deus. Deus, como nosso Criador, se deleita no fato de que suas criaturas confiam nele, pois a atitude de dependência é a forma mais apropriada para expressar o relacionamento entre o Criador e sua criatura.⁸

⁶ VASCONCELO, Ana. *Manual compacto de sociologia*. São Paulo: Rideel. 2010. p. 75.

⁷ TILLICH, Paul, *Teologia sistemática*. São Leopoldo: Sinodal. 2005. p. 275.

⁸ GRUDEM, Wayne. *Manual de Doutrinas Cristãs: Teologia sistemática ao alcance de todos*. São Paulo: Vida. 2007. p. 170.

A oração pode ser definida como uma necessidade premente do indivíduo no aspecto espiritual. Assim como não sabe viver sem outro ser, ele não pode viver sem a comunicação com Deus. A comunicação é de fundamental importância para a saúde física, mental, emocional. Sua ausência faz surgir ressentimentos e mágoas, daí a importância da comunicação do eu com o divino.

Na comunicação entre os seres humanos, cada um entende que não está só neste mundo e que a solidão pode ser descartada. Ao orar, aquele que o faz toma consciência de que existe um ser superior acima de si, o qual controla todas as coisas. A oração tem significado porque ele toma consciência de que existe um ser espiritual, imortal, imaterial que precisa ser preenchido pela presença do divino, isto é, Deus.

A oração é irrelevante e sem significado para aquele que não tem consciência da existência de Deus, posto que ela é uma experiência pessoal de relacionamento com o divino. O salmista, de modo categórico, deixou claro que o indivíduo precisa saber que o Senhor é Deus, no Salmo 100.2.

A oração se reveste de significado para o orante porque, além da interpessoalidade, a oração é a linguagem da alma, exprimindo em gemidos muitas vezes a busca pelo divino. Os animais têm sua linguagem própria para exprimir desejos, anseios, ainda que sejam irracionais; os seres humanos também se comunicam por meio da linguagem, mas, além da linguagem humana para a comunicação entre seres semelhantes, o indivíduo tem a linguagem espiritual, a oração, e, através dela, expressa seus desejos, fracassos e anseios a Deus.

Não há nas páginas da Bíblia uma definição precisa sobre a oração, mas esse exercício se configura como algo indispensável, porque sempre houve quem buscasse a Deus. Nesse sentido, as palavras de Léo Francisco Pais são valiosas:

Apesar de não encontrarmos na Palavra de Deus uma definição para o fenômeno da oração, seu poder é demonstrado na vida dos filhos de Deus em qualquer parte das Escrituras. Suas experiências com Deus estão registradas para edificação espiritual de cada um. Suas vidas são verdadeiros exemplos para cada pessoa na atualidade.⁹

No fio condutor das Escrituras Sagradas, desde Gênesis até Apocalipse, estão vívidos exemplos de pessoas que praticavam a oração com temor e reverência a Deus, apresentando suas necessidades, aflições, desespero, buscando sempre o

⁹ PAIS, 1992, p. 16.

auxílio divino, e também a alegria e a gratidão a Deus pelo seu amor, cuidado e esperança. Isso esclarece que, para esses personagens bíblicos, a oração tinha grande relevância e significado para a vida.

Por mais que se tente exaurir a temática da oração, especialmente buscando uma definição do tema, pode-se dizer que será em vão, pois ela está além das definições religiosas e teológicas. Os muitos livros presentes nos mercados editoriais tratam sobre a oração através de renomados eruditos, sem, contudo, esgotar o assunto.

Nas palavras do teólogo Charles Hodge ao apresentar uma definição de oração:

A oração é a conversa da alma com Deus. Nela manifestamos ou expressamos diante dele nossa reverência e nosso amor por sua divina perfeição, nossa gratidão por todas as suas mercês, nossa penitência por nossos pecados, nossa esperança em seu amor perdoador, nossa submissão à sua autoridade, nossa confiança em seu cuidado, nossos anelos por seu favor e pelas bênçãos providenciais e espirituais indispensáveis para nós e para outros.¹⁰

Portanto, como não se é possível uma definição objetiva de oração, o importante é saber que quem ora o faz por conhecer a Deus e seu caráter, buscando com ele uma relação pessoal, entendendo-o como Senhor e Criador de todas as coisas, o Soberano. Indivíduos que não oram revelam falta de religiosidade e dão prova de que a alma está morta para com Deus, pois para Deus eles não encaminham nada e declaram assim que não creem na existência de Deus. Mais importante do que a busca pelo significado da oração é orar.

1.3 A natureza da oração

Qual é a essência da oração, ou melhor, sua natureza? Em definição, a oração cristã é vista como uma relação de comunhão com Deus e Cristo Jesus. No momento em que o indivíduo abre a porta do coração para que Jesus entre, como escreveu João em Apocalipse 3.20, Deus passa a ser aquele que move a pessoa a orar. A natureza da oração é a busca de Jesus pelo próprio indivíduo. Isso se coaduna com o texto profético de Isaías que diz: *“E será que antes que clamem, eu responderei: estando eles ainda falando, eu os ouvirei.”* (Is 65:24).

¹⁰ HODGE, Charles. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Hagnos. 2000. p. 531.

Entende-se que quem abre a porta do coração para Jesus está pronto para receber de Deus as mais preciosas graças pela oração. De modo antecipado Jesus revela aos servos as bênçãos que irá conceder. A natureza da oração, segundo as palavras de Cristo, é que não são as palavras ditas por alguém que impelem Jesus a vir lhe abençoar, antes, ele vem por sua vontade própria, desde que se abra a porta para que ele entre.

Orar é deixar que Jesus entre em nosso coração. Isto ensina, em primeiro lugar, que não é nossa oração que motiva o Senhor Jesus. É Jesus quem nos move a orar. Ele bate. Assim evidencia o desejo de entrar em contato conosco. Nossa oração é sempre o efeito de bater Jesus à porta do nosso coração.¹¹

Pelo texto acima, Jesus busca ter comunhão com os que assim desejam, por isso é que se pode assegurar firmemente que a oração é o fôlego da alma. Jesus invade a alma daquele que se abre, enchendo os pulmões de vida espiritual. Nessa configuração Jesus afirma que é “*o caminho, a verdade e a vida*” (Jo 14.6). Pela oração Jesus faz na vida de quem se abre para a vontade soberana o seu querer. Quem permite que Jesus entre em na vida está deixando que Deus tenha o controle de tudo, que supra as necessidades, que alivie a dor da alma, que dissolva as amarguras, os dissabores, e que traga a alegria, o conforto e a esperança.

Os indivíduos que se põem a orar estão simplesmente deixando que Jesus glorifique por intermédio da vida, pois ele passa a agir na vida de quem o recebe, daquele que permite ser completamente dominado pela sua majestosa presença. Destarte, a oração é tão somente um ato de se abrir a porta da vida para Jesus entrar e fazer nesse coração sedento a maior ceia.

Sobre a vontade na oração, é apenas querer que Deus assuma o controle de tudo, pois a pessoa está entregando todo o seu ser, suas necessidades, àquele que é poderoso, voltando-se para Deus com os olhos da fé. Portanto, a natureza essencial da oração é se sujeitar por completo ao senhorio de Cristo Jesus, deixar que Deus entre e tome o controle.

Jamais se deve pensar na natureza da oração apenas como mero conteúdo de palavras. É mais que isso. A profundidade se evidencia pelo envolvimento completo com Cristo, seu poder, sua influência, seu querer. A oração não pode ser

¹¹ HALLESBY, O. *Oração*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana. 1990. p. 7.

mensurada por simples conteúdos teológicos, pois, quando tudo isso falta, a oração está presente na alma. É uma disposição de espírito, um estilo de vida.

A essência da oração não se constitui no recurso que o indivíduo possui, na intensidade ou na manifestação de certas emoções, mas na liberdade que ele dá a Cristo para que exerça plenamente o poder, reconhecendo-o como capaz de solucionar todos os problemas.

1.4 A fé na oração

Ao mencionar a fé, é preciso que se tenha uma definição no campo bíblico e teológico, posto que a fé que a pessoa cristã tem em Deus não é arbitrária, mas se fundamenta na Palavra de Deus, a qual é invisível, mas se revela à humanidade por meio de Jesus Cristo.

O conteúdo da fé cristã é, em princípio, algo fixo e definido. Não se trata de uma “fé” qualquer, vaga e indefinida, pois Deus não é o grande desconhecido a respeito do qual nada de realmente positivo se pode afirmar. Deus não é só Deus escondido, mas também o Deus que se manifestou no passado e continua a fazer-se conhecido. Segue-se que o conteúdo da fé, em princípio, é concedido na relação com Deus e por meio dela.¹²

A fé do cristão não pode ser intelectualizada, tendo conteúdo apenas racional, como pensavam os escolásticos, que buscavam criar uma harmonização de ideias com a revelação divina. Neste aspecto, há que se dizer que a fé não pode ser aquilatada pelo olhar do racionalismo, que descarta terminantemente o real sentido da fé. A grande questão sobre a fé, levantada tanto pelos escolásticos quanto pelos racionalistas, é que, com buscas e concepções humanas, perdiam de vista a real natureza da fé, o sentido espiritual, criando sistemas doutrinários e teológicos operados simplesmente por tradições humanas, sem que, de fato, estivessem sustentados nas práticas espirituais das Escrituras Sagradas. Como escreveu o próprio Gustaf Aulén:

Para que se evitasse a perspectiva intelectualista sem deixar, contudo, escapar a verdade nela contida, é necessário afirmar que, no que concerne à fé, trata-se de questão referente a uma única coisa, a saber, a vontade de Deus revelada no evento de Cristo, e mais ainda, que *assensus* é concomitantemente *fidúcia*. Nesse sentido, Lutero refere-se à fé como algo que implica em nada menos do que *assensus*, um sim à obra de promessa de Deus, dizendo, no entanto, que esse sim é simultaneamente expressão da mais alta confiança, isto é, expressão do fato de o homem ter sido subjugado pela vontade de Deus.¹³

¹² AULÉN, Gustaf. *A fé cristã*. São Paulo: Aste. 1965. p. 69.

¹³ AULÉN, 1965, p. 70.

A fé presente na oração é o elemento que leva o orante a crer em Deus, que é capaz de ouvir e responder às orações desde que estejam consistentemente afinadas com os propósitos e com o bem daquele que ora. A fé se pauta nas garantias bíblicas, as quais estão expressas na Palavra de Deus, que, de maneira explícita, diz: “*pedi*”, “*batei*”, “*buscai*”, conforme está escrito em Mateus 7.7. Seguem-se ainda outros textos que conduzem o cristão a ter fé para se colocar em oração. Jesus disse que quem pedir qualquer coisa em seu nome receberá (Jo 14.13; Mt 18.19).

Entretanto, considerando as promessas feitas na Bíblia, elas carregam no bojo algo condicional, posto que o próprio Deus conhece a natureza humana e a miopia espiritual de cada indivíduo. Ele jamais deixaria que qualquer pessoa abusasse do seu poder, razão pela qual assinala nas Escrituras que a oração deve ser segundo a vontade dele: “*E esta é a confiança que temos nele, que, se pedirmos alguma coisa, segundo a sua vontade, ele nos ouve*” (1Jo 5.14).

As orações realizadas pelos cristãos são baseadas nas promessas bíblicas e na fé, mas essa fé se coaduna com as Escrituras, as quais expressam a vontade de Deus, mas é bom entender que a vontade divina nem sempre corresponde ao querer de quem ora. Isso aconteceu com Paulo, que queria que o espinho de sua carne fosse removido. Foi-lhe respondido, mas não a seu modo (2Co 12.7-9).

A fé presente na oração ajuda aquele que ora a entender os propósitos de Deus e que nem sempre Deus responde segundo o querer de quem o busca. Quando a fé é baseada na Palavra, aquele que ora passa a deixar tudo no controle de Deus, posto que as coisas, segundo o querer de Deus, sempre concorrem para o bem (Rm 8.28).

Orar com fé é estar fundamentado nas promessas bíblicas, destarte, quem não é iluminado pela Palavra terá orações deficientes, pois falta-lhe a fé para escutar o que as Escrituras dizem. Assim como um filho confia nas orientações do pai, aquele que ora com fé deve se voltar para o Eterno Pai com toda confiança.

1.5 Conclusão

Através de uma definição bíblica e teológica sobre a oração e a fé como importantes para a vida cristã, pode-se concluir que ambas andam juntas, destacando a primeira como sendo um diálogo, conversa da alma com Deus. Essa conversa não

é unilateral, nem parte de uma vontade própria. Por diálogo se entende uma conversa entre duas pessoas, mas deve haver uma sujeição de quem ora ao ser maior, Deus. Kessler menciona a oração como diálogo:

É dito pelos grandes expositores da Bíblia que a melhor ou a mais perfeita oração é aquela em que ocorre um diálogo entre nós e Deus, onde não só falamos ou somos ouvidos, como também somos respondidos e ouvidos".¹⁴

No diálogo ninguém impõe nada, antes, tudo acontece na mais livre decisão; da parte daquele que ora, sua decisão de submeter-se ao querer de Deus, a vontade soberana; da parte de Deus, poder, bondade, santidade, dentre outras coisas, estão reveladas na Palavra. Os que a buscam podem viver o melhor dele nesta vida. Orar é relacionar-se com Deus e Jesus Cristo. Essa é a natureza da oração. De outra maneira não pode acontecer uma oração eficaz, por se requer fé para entrar nesse relacionamento.

Quanto à fé na oração, não se pode orar a Deus sem se crer nele. Colocar-se de joelhos só o faz quem crê em Deus de todo coração. Essa fé para orar não é da própria pessoa que ora, mas parte do conteúdo revelado nas Sagradas Escrituras. A fé na oração está firmada na fidelidade de Deus em conexão com promessas.

A base da fé. A última base em que se firma a fé está na veracidade e fidelidade de Deus em conexão com as promessas do Evangelho. Mas, porque não temos conhecimento disto fora da Palavra de Deus, esta também pode ser considerada a última base da fé, frequentemente o é. Em distinção da anterior, porém, poderia ser denominada a próxima base. O meio pelo qual reconhecemos a revelação incorporada na Escritura como a própria Palavra de Deus é, em última análise, o testemunho do Espírito Santo (1Jo 5.6). E o Espírito é o que dá testemunho, porque o Espírito é a verdade.¹⁵

Portanto, entende-se que a fé que leva o ser humano a orar se origina do ouvir a Palavra de Deus. Esse exercício é fiel no cumprimento do que essa Palavra expressa. A oração não está fundamentada nas efêmeras suposições racionais, em ideias puramente humanas, mas, sim, na Palavra de Deus. Esse foi o objetivo primordial deste capítulo – levar ao entendimento que orar é conversar com Deus na estruturação da fé e, para isso, é imprescindível que se tenha conhecimento do que seja a oração e a fé.

¹⁴ KESSLER, Nemuel. *Deus não desistiu de você*. Rio de Janeiro: CPAD. 2015. p. 23.

¹⁵ BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Cultura Cristã. 2007. p. 466.

2 A RELEVÂNCIA DA ORAÇÃO PARA UMA VIDA DE FÉ SEGUNDO O MODELO BÍBLICO

2.1 A importância da oração e a vida de fé no Antigo Testamento

Todas as religiões do mundo oram e ainda pode-se afirmar que a crença em Deus e nas orações são elementos característicos do intuitivo humano. Para se compreender a relevância da oração para uma vida de fé na contemporaneidade, é imprescindível fazê-lo atentando para as páginas da Bíblia, no Velho e no Novo Testamentos.

Os personagens bíblicos evidenciavam fé e oração na comunhão com Deus. Nesse aspecto primitivo de vida de oração e fé se evidenciavam as rupturas, mas um desejo constante de estar em comunhão com Deus, como menciona Robert L. Brandt e Zenas J. Becket:

Portanto, vendo a oração da perspectiva do Antigo Testamento, nosso enfoque será sobre as pessoas que oraram, os motivos de suas orações, como elas se aproximaram de Deus e o trataram, como nomes e atributos de Deus influenciaram suas orações e que resultados e realizações chegaram a alcançar.¹⁶

As narrativas veterotestamentárias destacam com precisão indivíduos que ansiavam pela presença de Deus e oravam para desfrutar da comunhão com Ele. A proposta é voltar ao passado da vida das pessoas para assimilar erros e acertos históricos, e entender o nível que alcançaram com Deus pela oração. No entanto, do livro de Gênesis até o livro do profeta Malaquias, há registro de pessoas orando a Deus. Na verdade, essa prática demonstrava que os indivíduos viviam em comunhão e reconheciam a personalidade e o poder de Deus.

É evidente, porém, que havia da parte do Divino um interesse por aqueles que oravam. Destarte, Deus, a mostrar interesse por quem orava, ainda que na mais primitiva e intuitiva forma, revelava o que é denominado *teísmo*. O *Dicionário de teologia* define a palavra nos seguintes termos: *sistema de crença que pressupõe a*

¹⁶ BRANDT, Robert L.; BICKET, Zenas J. *O Espírito nos ajuda a orar*. Rio de Janeiro: CPAD. 1996. p. 38.

*realidade de Deus como conceito fundamental na composição das outras crenças; qualquer visão de mundo baseado na crença de que existe um Deus*¹⁷.

O teísmo ensina que Deus continua interessado pelos homens, fazendo intervenção na história humana, recompensando e punindo. Já o deísmo afirma que Deus não tem interesse pelos homens ou pelo mundo, mas que estabeleceu leis impessoais que governa tudo.¹⁸

Existe uma oposição entre o teísmo e o deísmo: o primeiro afirma que Deus se aproxima do ser humano, enquanto o segundo é o seu oposto – não há interesse do Divino em manter contato com suas criaturas e seu mundo. O deísmo não é ateísmo, apenas diz não existir intervenção de Deus na história e interesse em se comunicar com os indivíduos. Atentar para o teísmo é fundamental pelo fato de compreender que Deus Todo-Poderoso deseja manter comunhão com as pessoas e se volta para quem ora. É essa a concepção que se tem no Antigo Testamento no que se refere à oração.

Pode-se afirmar que a Bíblia é puramente teísta e, pela prática da vida de oração de seus personagens, comprova o relacionamento, visto que há registro de pessoas que oraram e foram respondidas por Deus. Essa certeza gera confiança para quem vive hoje, pois ao se deparar com uma narrativa que trata sobre um personagem que vive uma vida de fé e oração para com Deus gera fé e desejo de orar.

O Antigo Testamento apresenta inúmeras pessoas que oraram, como, por exemplo, Enos, Sete, Abraão, Isaque, Jacó. Alguém não orava? Basta se tomar algumas delas como exemplo para tratar com precisão do porquê dessas ações de oração desenvolvida por esses indivíduos. As orações são resultado da necessidade humana. Somente quando o ser humano tomou consciência dos pecados, fragilidades e necessidades foi que se dedicou à oração.

As orações dos santos no Antigo Testamento não eram perfeitas. Tem-se no livro de Gênesis as primeiras orientações dadas por Deus ao ser humano sobre como se deveria desenvolver a vida de oração e comunhão, o que já fica patente que a oração não poderia ser livre, sem qualquer base. Logo que se tem contato com

¹⁷ GRENZ, Stanley J. GURETZKI, David, NORDLING, Cherith Fee. *Dicionário de teologia*. São Paulo: Vida Nova. 2001. p. 126.

¹⁸ CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*. São Paulo: Candeia. 1995. p. 604.

Gênesis, compreende-se que as orações dos que se aproximam de Deus devem seguir certas normas.

Nota-se claramente que a prática da oração na Bíblia foi desenvolvida pelos personagens como resultado das necessidades humanas. Os primeiros dois personagens, Enos e Sete, ao orarem, fizeram-no por causa das necessidades humanas (Gn 4.26).

Na ênfase que se dá sobre a oração dos personagens veterotestamentários, percebe-se que eles mantinham as orações a Deus por compreenderem que, através delas, poderiam manter a comunhão com Deus. Neste sentido, eram o instrumento de comunhão pessoal. Na prática da oração desenvolvida pelos patriarcas, , com fé em Deus buscavam-se bênçãos tanto espirituais quanto materiais e, por vezes, buscando algo para si individualmente ou em favor dos outros. Tem-se no livro de Gênesis o patriarca Abraão orando por Sodoma e Gomorra (Gn 18). Moisés intercedeu por Israel (Êx 32.10-12). Jó fez intercessão pelos seus amigos (Jó 42.8-10). Destacando a prática das orações dos patriarcas, os autores da obra *O Espírito Santo nos ajuda a orar* destacam:

Os patriarcas eram pessoas de oração. Apesar de precederem ao padrão formalizado de adoração dado por intermédio de Moisés, eles sabiam que Deus requeria sacrifício e obediência. Satisfazendo a esses requisitos, desfrutavam de uma comunhão íntima com Deus. Isso demonstrava que Ele fala e aceita a adoração de todos quantos o buscam com sinceridade.¹⁹

Ainda que não houvesse um manual explicando como orar, naturalmente os patriarcas já desenvolviam isso e tinham consciência de como Deus queria que desempenhassem a oração. Em destaque sempre havia o sentimento de temor, reverência e submissão. A grande importância da oração no Velho Testamento desenvolvida pelos indivíduos que serviam a Deus é que eles assim o faziam por acreditarem nas revelações que receberam. Essa prática vai se tornando uma tradição para os israelitas, de maneira que se encontrará as mais diversas práticas desenvolvidas por esse povo: oração em forma de louvor, oração pedindo perdão, buscando comunhão, proteção, cura e reivindicação.

As orações que começaram com Abraão, Isaque, Jacó e José foram modelos que se seguiram, construindo a liturgia dos israelitas. Os salmos de Halel são uma

¹⁹ BRANDT; BICKET, 1996, p. 64.

prova clara disso, pois foram incorporados à liturgia judaica, na forma de oração e louvor. Posteriormente, estabeleceram-se no meio dos judeus as formas específicas para o desenvolvimento diário das orações a serem praticadas.

2.2 A importância da oração e a vida de fé no Novo Testamento

Em toda as páginas do Novo Testamento, a oração protagoniza a tradição desenvolvida pelos personagens do Velho Testamento. Teólogos têm chamado o livro de Atos de “o livro de oração coletiva”. Paulo e Tiago, dentre outros, destacaram a importância da oração. O ambiente em que a Igreja Primitiva desenvolvia a vida de fé e comunhão com Deus estava baseado na oração, pois se entendia ser ela fundamental para tudo. Lucas diz que foi pela oração que o Espírito Santo desceu sobre os cristãos no dia de Pentecostes (At 1.4; 2.4).

Os cristãos primitivos, conforme consta no Novo Testamento, entendiam que a oração tinha muitas funções. Não somente trazia o poder, a glória, como também dissolvia crises quando se buscava a Deus em oração. Em diversos episódios em que os cristãos foram perseguidos, afrontados, eles se voltaram para Deus em oração buscando livramento (At 4.21). Algo marcante na Igreja Primitiva era a oração em coletividade; tanto os cristãos como povo como os líderes oravam por todos (At 9.40; 10.9; 16.25; 28.8) e faziam-no desejando o bem de todos.

Qual era a base ou o fundamento para que esses cristãos orassem a Deus?

A resposta aqui pode ser bíblica e teológica. As pessoas cristãs faziam por acreditar no Sumo Sacerdote, o qual era divino e humano, Jesus Cristo. Através de Jesus é que se tem a garantia das bênçãos divinas, ademais, Jesus é quem garante tudo isso, pois, através de sua morte e ressurreição, conquistou tudo, conforme fala o escritor aos hebreus (Hb 4.14-16; 5.7-10).

Os santos da Nova Aliança oravam porque entendiam que assim teriam acesso aos tesouros espirituais por meio de Jesus Cristo (Hb 10.19). A oração desenvolvida era marcada pela plena confiança no poder de Deus, pois todos acreditavam que teriam poder para viver na terra na autoridade divina. Conforme já dito, os cristãos primitivos oravam olhando para os santos da Velha Aliança. Isso pode ser comprovado no texto de Hebreus 6.19. Quanto ao orar, todos acreditavam que

estavam penetrando no Santo dos Santos, isto é, além do véu no Tabernáculo, chegando à real presença de Deus.

Desenvolvendo a vida de oração e fé, pode-se constatar que ela tinha muita importância para os cristãos primitivos, que entendiam que, por meio da oração, poderiam ter sabedoria para lidar com diversos problemas presentes no mundo. O apóstolo Tiago escreveu aos cristãos falando que eles poderiam pedir sabedoria pela oração (Tg 1.5.8). Que as orações não poderiam ser desenvolvidas com intenções erradas, pautadas no egoísmo e no pecado, antes, deveriam ter as motivações corretas e, por isso, deveriam sempre recorrer à Palavra de Deus (Tg 4.1-3). Ainda existiam muitas outras causas que levavam esses cristãos a orarem: por meio da oração buscavam a cura do corpo (Tg 5.13-18), por exemplo. A oração teria que ser marcada pela ousadia (1Jo 3.21) e sempre sujeita à vontade de Deus (1Jo 5.14-16).

Ao analisar as orações dentro do contexto neotestamentário, é necessário àquelas pessoas que hoje procuram desenvolver uma vida de fé e oração seguir à risca a tradição bíblica, que não pode ser desenvolvida arbitrariamente, nem se fundamentar no egoísmo ou vontade apenas humana. Os cristãos primitivos oravam não querendo ostentar algo, como buscar cura para ganhar dinheiro, visando a um fim em si mesmo, antes, as orações apelavam para o bem de toda a comunidade, tendo como alvo maior a glorificação do nome de Cristo Jesus.

2.3 A importância da oração e a vida de fé segundo os ensinamentos de Jesus

Tudo o que Jesus ensinou e falou gerou fé nas pessoas, isso não é diferente com a oração. Interessante que Jesus inaugura um novo modelo de oração, dando ênfase a paternidade de Deus, chamando-o de pai. Nessa figura Deus é apresentado como aquele que cuida, ampara, protege os filhos, era nesse particular que Jesus queria que os discípulos o vissem (Mt 7.7-11). Neste sentido, o novo modelo de oração introduzido por Cristo, inclui a compreensão de pai: “Nosso Pai. Uma maneira incomum de começar uma oração no Velho Testamento, mas preciosa a todos os crentes do Novo Testamento”²⁰.

²⁰ PFEIFFER, Charles F; HARRISON, Everett F. *Comentário Bíblico Moody*. Evangelhos e Atos. São Paulo: JBR. 2001a. p. 15.

Jesus quer que as pessoas se coloquem diante do pai não somente com reverência, fé, conhecimento de sua santidade, poder, honra, mas que se sintam pessoas privilegiadas e valorizadas, pois, pelo seu ensino, esclarece a todas que Deus, o Pai, está pronto não somente para ouvir as orações das que o buscam, mas para respondê-las (Mt 6.25; 10.30).

Nenhum filho ou filha vai à presença do pai com medo, temor, é claro, o respeito, obediência, honra, sujeição, é a postura que um filho tem com o pai, mas o mesmo dirige-se ao seu progenitor por entender quem é pai. No Novo Dicionário da Bíblia, há uma explicação importante sobre a expressão Pai Nosso:

Mediante as palavras iniciais do Pai Nosso, que lhe dá o nome em português. Pai Nosso que estás nos céus- ensina-nos a atitude correta e o espírito com que devemos orar a Deus- Dirigindo-nos a ele como Nosso Pai, estamos olhando para ele em amor e fé, como aquele que está perto de nós em amor e graça perfeitos. Mediante as palavras que estás nos céus, expressamos nossa reverência a aquele que é o governante Todo-poderoso do céu e da terra. As palavras introdutórias da oração também nos fazem lembrar do fato que todos os crentes cristãos são um em Deus, pois compete-nos orar Deus como nosso Pai.²¹

Vale ressaltar que Jesus não somente concede aos seres humanos a dignidade de serem filhos e filhas de Deus, de orar ao Pai com grande privilégio. Jesus salienta os elementos basilares que devem nortear a mente daquele que vai orar. Conscientiza a todos que a oração não pode ser formalista, legalista, pois ela é espiritual e poderosa (Mt 5.6-8; Mt 7.20). Jesus Cristo ainda destacou ao ensinar que a oração deve ser feita com fé (Mt 17.20) e com perseverança (Lc 18.1-18).

A teologia de Jesus na oração está plenamente desenvolvida naquilo que ensinou, como consta nos Evangelhos. Em momento algum é configurada como um poder para exigir ou reclamar algo, para reivindicar direitos absurdos, antes, a caracterização é marcada pela obediência e reverência. Não existe ensino da parte de Cristo no sentido de que a oração pode ser um recurso para se pedir a morte de alguém, vingança, pelo contrário, ele ensinou que a oração deve ser marcada pelo amor e pelo perdão (Mt 18.21-35).

O ensino introduzido por Cristo sobre a oração e o perdão, e vai além da teologia rabínica, por exemplo, na qual os mestres judeus ensinavam que uma pessoa

²¹ DOUGLAS, J. D. *O Novo Dicionário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova. 2006. p. 973.

poderia exercitar o perdão aproximadamente três vezes. Jesus ensinou que para a prática do perdão não existem limites. Tasker está certo quando fala que

O significado dos números aqui mencionados é o de que os seguidores de Cristo têm de ser misericordiosos, na medida em que Lameque, em Gênesis 4.24, antes ameaçou não ter misericórdia, 490 vezes.²²

A importância da oração, nessa nova concepção que Cristo apresenta envolve elementos espirituais e materiais, ou seja, coisas da terra (Mt 7.6-11), o que prova o interesse divino pelas particularidades dos servos.

Pedir, buscar, bater. O primeiro sugere uma oração sincera, o segundo, uma oração fervorosa, e o terceiro, uma oração desesperada. É talvez sugerido – e a experiência parece apoiar este pensamento – que às vezes é necessário simplesmente pedir a fim de obter a resposta. Se ela não vier, deve-se começar uma oração perseverante; deve-se buscar. Se a resposta ainda estiver demorando, pode ser necessário bater, em uma oração desesperada, e até mesmo agonizante. Mas a promessa é que todos esses tipos de oração serão recompensados.²³

Pela exposição acima, a ênfase está na perseverança em oração. Não se tem qualquer apoio para se fazer oração na base da exigência por se achar digno de algo. Na passagem se destaca o relacionamento entre pai e filho; no aspecto humano, o que se salienta é a relação de respeito e reverência. Ninguém, segundo o ensino de Cristo, no tocante à oração, deve se aproximar do Pai sem reverência, santidade e temor. Tratando desse relacionamento na oração entre o Pai e o Filho, Bruce A. Ware pontua:

Devemos chegar diante do Pai exaltado não com grandes ideias próprias, mas como pedidos humildes como os de uma criança, reconhecendo que tais súplicas são boas apenas na medida em que se harmonizam como a vontade de Deus, já estabelecida. Deus não concede a oração a fim de nos incentivar a contribuir com o processo de decisão divino; ele o faz, na verdade, para capacitar-nos a seguir a perfeita e já formada vontade de Deus. “*Seja feita a tua vontade*” deveria ecoar em toda oração cristã piedosa e humilde.²⁴

Ware destaca a importância da simplicidade e da humildade na oração. Percebe-se em seu escrito que uma criança jamais vai até o pai com pedidos orgulhosos, cheios de maus intentos, querendo contrariá-lo, antes, ela o faz por acreditar que o pai é quem lhe dará o que precisa. Colocar ou apresentar ao Pai os

²² TASKER, R. V. G. *Mateus: Introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova. 2006. p. 141.

²³ HOWARD, R. E. *Comentário Bíblico Beacon: Gálatas a Filemon*. Rio de Janeiro: CPAD. p. 65.

²⁴ WARE, Bruce. *Teísmo aberto*. São Paulo: Vida Nova. 2010. p. 104.

desejos terrenos ou qualquer outra coisa tem, na verdade, respaldo nos ensinamentos de Cristo sobre a oração, visto ele se interessar por todas as particularidades humanas.

Ter a oração como um amuleto da sorte, uma lâmpada mágica, um instrumento que pode ser manipulado por quem quer que seja por se achar filho de Deus, nada disso encontra fundamento no ensino proposto por Cristo. Sua tônica era a de que a oração deveria ser vista no seu aspecto espiritual, conforme consta no Evangelho de João, capítulo 17. Para Cristo estar à disposição daquele que crê em Deus, por meio da oração o cristão pode solicitar poder espiritual ao Pai (Mt 6.13). Entende-se que o objetivo maior é conduzir às realidades espirituais, ao reino de Deus sobre a terra, e, no viés escatológico, que a concretização do Reino se torne uma realidade (Mt 6.10.13).

Enfim, Jesus não somente ensinou, mas orou ao Pai como um ser humano, demonstrando por meio desse exemplo prático que orar vale a pena, que a oração tem sua grande importância (Lc 5.15; Jo 12.20-28), mas a ênfase é que a oração não pode ter um fim em si mesma, não deve restringir-se unicamente aos interesses materiais, pessoais, antes, deve visar ao bem do próximo e à glorificação futura do reino de Deus.

2.4 A importância da oração para uma vida de fé hoje

Neste mundo pós-moderno, em que as crenças são pluralistas, a vida agitada leva as pessoas a cada dia estarem mais longe de Deus, a oração está sendo relegada e sua prática já se esvaiu de muitos lares e igrejas, no entanto, nunca houve um tempo semelhante a este em que se têm tantos livros sobre oração. Ao mesmo tempo, a escassez de oração é uma realidade sem precedentes na sociedade contemporânea.

A prova de que os indivíduos estão sem oração é a desumanidade visível nas ações violentas, preconceituosas, o que revela a falta de piedade. Outro grande problema se levanta na questão da ausência da oração hoje, mesmo no que tange à questão da realidade espiritual: existe uma confusão generalizada, pois está-se deixando o padrão correto das Escrituras para se voltar às práticas errôneas da verdadeira espiritualidade.

A ausência da prática da oração tem ocasionado muitos males não apenas na sociedade comum, mas também no setor eclesiástico. A ausência da oração tem transformado a igreja em mera instituição, em uma agremiação, descartando o aspecto da fé, da espiritualidade, do amor e do perdão, segundo ensinou Jesus. Pais está certo quando cita a necessidade da oração para os dias de hoje, apontando sua ausência e o que isso ocasiona:

A ausência da oração é a causa da irrealidade dos cultos que muitas vezes se presta a Deus nas igrejas. Sua falta determina a mediocridade das vidas que se dizem cristãs. O cristão que não aprendeu a orar é como um pássaro que não consegue voar. Se procura voar, cai logo em seguida à sua tentativa. Segundo F. Forsyth, o que faz o gênio no mundo natural faz a oração no espiritual.²⁵

Portanto, a oração, conforme diversos estudos, é o oxigênio da vida espiritual do cristão. Viver sem oração abdica-se da inteira comunhão com o Criador, Deus, da qual a parte espiritual da constituição humana precisa para sobreviver, pois é através da oração que se pode avançar. O corpo humano, para sua subsistência, necessita de energia, a qual vem pelo alimento, e não é diferente quanto à oração, da qual necessita o indivíduo que deseja sobreviver.

O apóstolo Paulo, por diversas vezes, ressaltou a importância da oração na vida do cristão, razão pela qual apelava para sua prática constante (Ef 6.18). Pode-se fazer a seguinte interpelação: qual é a importância da oração marcada pela fé para os cristãos hodiernos? Nesse ponto será proposto, no aspecto bíblico e teológico, a importância para todos os setores da vida particular do cristão e da comunidade, a igreja.

À parte qualquer escolasticismo ou racionalismo na temática da oração, esquecendo sua natureza espiritual, alguns a estudam simplesmente no nível lógico, racional, humano, razão pela qual inúmeras concepções surgem pondo de lado a sua verdadeira essência. Para se entender e perceber a grandiosidade da oração, não se vai longe sem o exemplo vívido de Cristo, o qual se punha a orar por prolongados períodos. Se a oração não tivesse qualquer valor, Jesus jamais faria isso, mas, se o fez, é porque acreditava no seu grande poder e necessidade para a alma. O Evangelho de Lucas, singularizando a oração na vida de Cristo, escreveu que ele passava noites inteiras em oração (Lc 6.12).

²⁵ PAIS, 1992, p. 27.

Não se pode viver uma vida de oração ostentada de fé quando os pedidos, os anelos da alma, não priorizam a vontade soberana de Deus. O praticante da oração deve entender que a oração é aceita pelo Pai não por palavras bonitas ou por insistências, mas, sim, pela sujeição ao querer daquele que sustenta todas as coisas, Deus. Havia um propósito especial pelo qual Jesus se punha constantemente em oração: ele não as fazia com interesses espúrios, mas em cada ato seu se percebia um objetivo especial.

Jesus orou para escolher os discípulos (Lc 6.12), na sua transfiguração (Lc 9.28,29), no instante em que revelou sua divindade aos discípulos (Lc 9.18,22). Pela oração Jesus revelava os segredos dos homens ao Pai e, nesse sentido, seu objetivo ao orar era que a vontade do Pai estivesse em plena harmonia.

Na Carta aos Hebreus 7.24,25, Jesus é descrito como um sacerdote ao findar as atividades neste mundo e, após sua morte e ressurreição, ainda continua no céu a desempenhar um ministério de intercessão por seus filhos (Rm 8.34). Um cristão pode orar hoje com fé porque se fundamenta na maior promessa que Deus já fez: a vinda do Filho amado ao mundo. Jesus assiste, na presença de Deus, à sua direita, intercedendo pelos seus. Assim, ao orar hoje, há inspiração para se fazê-la, pois o grande modelo é Jesus.

O valor da oração, além do mencionado exemplo da pessoa de Jesus Cristo, segue-se no complemento de seus seguidores, os apóstolos. Entende-se a importância de se dedicar à oração em detrimento de outras atividades em Atos 6, 1-6, quando se deixou de servir às mesas não porque fosse algo indigno, mas, sim, porque se sabia do valor e da importância da oração para a prática da fé, por isso se encarregam os diáconos para tal função. A atitude acima mencionada dos apóstolos procurarem se dedicar à Palavra, é porque sabiam que deveriam orar e ler a Palavra para cumprir o “*Idem*” do seu Mestre, Cristo (Mc 16.15). No *Comentário Bíblico Moody* sobre esse ponto, encontramos:

Eles recomendaram que a distribuição dos alimentos fosse colocada sob a direção de sete homens cheios do Espírito Santo e de boa reputação. Os apóstolos ficariam então livres para se dedicarem ao ministério da oração, pregação e ensinamento da Palavra de Deus.²⁶

²⁶ PFEIFFER, Charles F.; HARRISON, Everett F. *Comentário Bíblico Moody*. Josué a Cantares. São Paulo: JBR. 2001. p. 252.

O que motivou os apóstolos a priorizarem no ministério a oração? Sem dúvida, aprenderam com o Mestre o valor da prática e que a oração se revestia de um peso espiritual que estava além da compreensão e da dimensão humana. É bom levar em consideração a prudência dos apóstolos, os quais não desprezaram o lado social, mas aplicavam a oração e a Palavra, pois, sem esses dois instrumentos, as atividades não passam de filantropias e as igrejas, de instituições quaisquer.

As mudanças no tocante à oração acontecem em relação às pessoas hoje frente a um mundo tão volátil. A oração se configura como de grande relevância, pois leva o indivíduo a encontrar o caminho em Deus, a deixar o ego e ser dominado pela grandeza divina, resgatando um perfeito diálogo. Na oração o cristão entende que é um filho carente do cuidado e amparo do Pai eterno, o qual lhe recebe com amor e carinho.

Na oração, a divagação humana encontra firmeza, isso porque sintoniza aquele que ora com os propósitos divinos, de maneira que a alma se eleva e se regozija, pois, entra na mais sublime e perfeita comunhão, resultando na expressão mais humilde e infantil, dizendo a Deus: *“Aba, Pai”* (Rm 8.15).

Chamar a Deus de Pai na oração é deixar claro que o espírito humano foi tocado pela supremacia divina, provocando um sentimento de quebrantamento, de dependência para com o eterno. Verdadeiro ainda é que esse sentimento gera admiração, respeito, temor, reverência. É impossível àquele que ora, dominado pela sacrossanta presença de Deus, fazer orações ultrajantes, mas, sim, desejando que a vontade soberana de Deus seja feita.

A alma em estado de oração diante de Deus se sente pequena, indigna, pois reconhece que é um pecador, um miserável que carece do amor do Pai. Nessa insuficiência divina, jamais se perde a filiação divina, mas sempre irão brotar dos lábios estas palavras: Pai, entregando os anseios, desejos, sonhos, visões, aos cuidados de Deus. Hallesby faz menção à insuficiência humana na oração e a define como algo fundamental para a pessoa carente, incapaz, que precisa da ajuda de alguém:

A oração e o senso de insuficiência não se dissociam. Apenas quem se reconhece insuficiente pode, realmente, orar. Muita ocasião haverá quando não se saberá nem mesmo como orar.²⁷

Nessa insuficiência revela-se a instabilidade humana, o que aponta para a necessidade de um ser superior, alguém que esteja acima do indivíduo para socorrer. É nesse instante que o ser humano, sem qualquer poder, sem força, apela para o soberano Deus. Não obstante, a distância do indivíduo pós-moderno para com Deus é devida ao desprezo à oração e, por isso, a prepotência, o espírito contumaz, a rebeldia são visíveis, caracterizando a necessidade premente de render-se ao transcendente.

Sem perceber que é um filho carente, um ser que precisa de Deus, o indivíduo acha-se suficiente, grande, poderoso, e passa a se entregar às mais horrendas práticas que contrariam os propósitos divinos. Portanto, se todos procurassem orar hoje com fé, o mundo estaria em outra dimensão espiritual.

O profeta Isaías estava em crise tanto existencial como espiritual, mas encontrou seu ponto certo quando se colocou em oração. Através dela quebrantou-se em espírito, humilhou-se com todo o seu ser, reconhecendo a santidade divina (Is 6.1-5). O que causava insatisfação, desespero, foi acalmado pela oração. É impossível entrar em oração e comunhão com Deus quando a mente está em conflito, a alma está dominada por desejos pecaminosos, o pensamento está excluindo a dependência no pai, uma caminhada humana sem a visão da fé. A recuperação de tudo isso só é possível quando há uma entrega total na oração para com Deus, gerando a verdadeira fé que pode conduzir a uma vida espiritual equilibrada e frutificante.

No caso do profeta Isaías, quando o eu pessoal se encontrou com o eu divino, ele prontamente pôde dizer: *“Eis-me aqui”* (Is 6.8). Essa assertiva foi resultado do conhecimento do verdadeiro Deus, que tocou na alma, os sentimentos e estando ele disposto a fazer a vontade de Deus. Hoje, sem caminhar pelos olhos da fé, sem viver em oração, as pessoas querem fazer o que gostam, não se prontificam a obedecer, a se sujeitar a nada nem a ninguém. Estão sempre se revoltando com tudo, o que tem sido a causa de divisões nas igrejas, nas famílias, nos relacionamentos.

²⁷ HALLESBY, 1990, p. 14.

O ajuste da alma inquieta com o Pai, gerando dependência e humildade, só é possível através da oração, isso porque todo o coração passa a estar dominado pelo amor de Jesus Cristo. Outro fator importante para se falar da importância da oração nos dias atuais é quanto ao sentimento de lutar pelo seu semelhante. Já foi mencionado que quem ora deseja não apenas pedir por si, mas, sim, pelo próximo. Os grandes personagens bíblicos, como, por exemplo, Moisés e Neemias, priorizaram nas suas orações o bem de outras pessoas.

Em sua obra *Parceiros de oração*, John Maxwell destaca a importância da oração pelo próximo, tal como Jesus ensinou:

O ato de orar e clamar a Deus por um terceiro é chamado de intercessão. Isso é um ato de amor e é considerado por muitos como uma das formas mais nobres de oração. Jesus foi um intercessor. Nas suas últimas horas na terra, quando foi levado, preso e crucificado, ele intercedeu por seus discípulos e por aqueles que viriam após eles, ou seja, por nós, os crentes de hoje. Ele orou...²⁸

Nesse caso, quem ora pelo próximo não apenas faz um bem ao mundo como para si mesmo, pois evidencia um nível elevado de espiritualidade, maturidade e amor. Quem tem um coração dominado pelo sentimento de ódio e inveja jamais orará pelo seu semelhante, o que revela sua pequenez na vida de fé e a ausência da santidade requerida pelo contexto bíblico.

Neemias se coloca em oração em favor do seu povo e deixa o conforto do palácio onde trabalha para se juntar àqueles que estavam vulneráveis a ataques de inimigos. A história mostra ele que se condeu pelos irmãos, fazendo isso com lágrimas, jejum e choro (Ne 1.1-11). Esse homem não queria apenas bens para si, vantagens pessoais, mas desejava ser usado por Deus para o bem dos irmãos.

Há um grande problema hoje no meio da cristandade: uma luta pelo espaço individual, ora no egoísmo eclesiológico, apenas jogando-se palavras ao vento. Essas questões só podem ser dissipadas pela oração que procede de um coração em que Jesus habita, promovendo um sentimento de unidade e querendo o bem do seu próximo, ainda que seja um samaritano, considerando histórica divergência à época.

A verdadeira oração, assentada na perspectiva dos paradigmas do Velho e do Novo Testamento, especialmente alicerçada nos ensinamentos de Cristo, propõe um avanço no espírito humano, impulsionando a caminhar para frente, a lutar pelo bem

²⁸ MAXWELL, John. *Parceiros de oração*. Minas Gerais: Betânia. 1999. p. 70.

de quem está sofrendo, a resgatar quem está ferido, a ser uma vida para o bem de outras vidas, como foi Neemias (Ne 2.4-5,12).

Quem não percebe que hoje a oração se estabelece mais no *dá-me* do que no *usa-me*? O redirecionamento necessário para que a oração se torne importante e eficaz é analisar o que foi proposto pelos textos da Palavra de Deus, especialmente seguindo as narrativas dos que oraram segundo o que estava escrito e entender realmente para que se ora. Aliar oração com os textos sagrados é o caminho para que a alma encontre o zênite, tenha progresso, seja submissa, reverente, e sinta pelos outros o que o Deus deseja. No tocante à oração aliada à Palavra, Timothy Keller menciona:

Dissemos que, quando respondemos à Palavra de Deus com confiança, a oração se transforma em uma conversa com Deus. Muito se tem escrito sobre a hiperatividade da sociedade contemporânea e problema cultural de déficit de atenção dela, que fazem da reflexão pausada e da meditação artes perdidas. No entanto, se a oração deve ser uma genuína conversa com Deus, deve ser precedida pelo hábito de ouvir a voz de Deus por meio da meditação das Escrituras.²⁹

Isso é verdadeiro, pois não se pode orar sem que se atente escrupulosamente à Palavra que expressa a vontade do pai, o que Deus realmente quer dos filhos, assim, para que o diálogo com Deus se processe, é preciso primeiro escutar o que Ele menciona na Palavra. Procedendo assim se pode orar com confiança e sinceridade, pois sabe-se que está dentro da vontade de Deus. Aquele que vive a oração sincera no coração não tem o que esconder, pois não pratica coisas que contrariam a vontade do Pai, assim, pode orar pedindo para que ele sempre o sonde, analise, e, se achar algum defeito, que seja retirado pela bondade do Pai eterno (Sl 139.23;24).

Orar com o sentimento de perfeição, se julgando superior a outros, até como um tipo de egoísmo, como o único que pode realmente ter acesso aos mistérios divinos é uma prática não construída em cima dos ditos de Cristo, nem dos apóstolos, os quais falaram da importância da humildade e do quebrantamento. Hoje se precisa orar com fé para que aconteça um ajustamento da alma humana com o Criador, dissipando o eu dos sentimentos de prepotência, altivez, e rebaixando-o a ponto de reconhecer a insuficiência e entregar-se sem reservas aos braços do Pai bondoso.

²⁹ KELLER, Timothy. *Oração: Experimentando Intimidade com Deus*. São Paulo: Vida Nova. p. 147.

Quem não percebe que se vive hoje em um mundo com pessoas pessimistas, sem visão de uma vida melhor, sem esperança, sem comprometimento? Isso prova o quanto o homem se desumanizou, de modo que reencontrar a si só é possível com o encontro daquele que o criou, o que só acontecerá por meio da oração.

2.5 O que a oração pode ofertar

Mais do que bens ou desejos pessoais, a oração pode ofertar a comunhão com Deus, todavia, como explicado, há, sim, um interesse divino pelas particularidades da vida das pessoas, inclusive dos bens materiais. Desenvolver a prática da oração hoje por meio da fé, colocando a vida sob seus cuidados, é algo totalmente bíblico, pois Deus tem interesse nisso.

Aquele que ora pode apresentar seus pedidos a Deus, ou seja, aquilo que necessita, posto que isso é uma recomendação bíblica ensinada por Jesus (Mt 7.7), mas é bom entender que quem ora precisa ser iluminado pela Palavra, que alerta que nem todos os pedidos podem estar dentro da vontade do Pai, de modo que o pedinte se alegra quando Deus diz sim, mas se contenta quando diz não.

Nem sempre quem ora vai estar à frente da porta que deseja estar, vai achar o que busca, vai receber o que pede. Jesus é um grande exemplo nesse ponto. Orou, por exemplo, pedindo que Deus removesse o cálice da cruz. e a resposta não foi a que ele queria, mas, sim, a o pai quis. Jesus acatou dizendo: *“seja feita a tua vontade”*. Essa oração revelou a essência humana de Jesus, mas também sua sujeição completa ao Pai, o qual concedeu a ele forças para vencer (Mt 26.39-44).

A oração oferta ao que ora a capacidade de entender e procura em tudo fazer a vontade de Deus. Muitos estão fazendo uso de João 14.14 afirmado que tudo o que se pedir em nome de Jesus será feito ou respondido. É bom ter cuidado na leitura desse versículo e outros também para que não se faça da oração um poder mágico de as coisas acontecerem. O texto apenas diz que as orações respondidas serão aquelas feitas em nome de Jesus.

A oração feita em nome de Jesus oferta a capacidade a quem ora de priorizar seu Reino, sua vontade. Quem ora em nome de Jesus jamais pedirá algo com sentimento egoísta, nem ousará pedir a morte de seus inimigos. Jesus deixou claro que a oração feita em seu nome visa a glorificar ao Pai (Jo 13.31-32). O Pai é

glorificado não nas concorrências eclesiásticas, nas curas que se cobram, mas, sim, na busca real pela vontade de Deus.

F. F. Bruce comenta, no viés exegético, a questão da oração em nome de Jesus:

Quando algo é pedido em nome de Jesus, provavelmente supõe-se que o pedido esteja sendo feito ao Pai. O Pai não nega nada ao filho e um pedido feito em nome do Filho é como se este o fizesse. No versículo 14 a evidência textual é equilibrada entre manter ou omitir, mas a lógica e o pensamento aqui favorecem sua omissão, que realmente parece ser exigida pelo sentido claro de 16.23a. A existência mútua do Pai e do Filho é tão real, no entanto, que um pedido feito a qualquer um dos dois no nome do Filho tem resposta garantida no mesmo nível. Essa promessa é uma contrapartida à promessa sinótica de Mateus 18.19.³⁰

Entende-se então que orar em nome de Jesus é o mesmo que orar ao Pai, pois ambos estão juntos para realizarem aquilo que os servos pedem, desde que corresponda a tudo o que Jesus ensinou. Ele ensinou aos discípulos que a oração poderia ofertar a cada um deles um gozo indizível, uma alegria inexplicável; que, através da oração, não ficariam a perguntar ou desejar coisas materiais, um frenesi por bens, não estariam ansiosos por nada. Quando de fato foram tomados por esse gozo, eles não ousavam mais perguntar nada a Jesus – é o que escreve com precisão o apóstolo João (Jo 16.23-24; 21.12-14).

O gozo inexplicável seria a presença de Jesus em suas vidas e, quando isso acontecesse, sentiriam o prazer da presença através do Espírito Santo, que geraria em cada um deles os frutos do Espírito, fazendo-os se sentirem realizados. Ao se falar de uma vida de oração marcada pela fé, na verdade o que se pretende é dizer que não pode ser sem base, mas pelo predomínio da lei da fé. Jesus deu ênfase de se fazer a oração por meio da fé (Mt 21.22). A oração gera esperança, vida, mas isso só é possível quando o que ora tem plena certeza de que o poder absoluto de Deus está em sua vida. É nesse ponto que Tiago diz que, se orar duvidando, não se receberá nada de Deus (Tg 1.6).

Por vezes, as orações são feitas sem fé. Restringe-se apenas a palavras, conteúdos de livros, e não nas palavras de Cristo. O que gera fé é a Palavra, como escreveu Paulo; *“a fé vem pelo ouvir e ouvir a Palavra de Deus”* (Rm 10.17). A fé pode ser descrita e entendida como uma ponte que leva as orações a Deus.

³⁰ BRUCE, F. F. *João. Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova. 2006. p. 258.

Ao orar é imprescindível que quem a faz tenha conhecimento da bondade e do amor de Deus, pois dessa maneira jamais duvidará de que Deus pode fazer algo pelos seus filhos, tendo de fato conhecimento da bondade e do amor fervoroso, que não despreza os seus. Na oração, é bom lembrar que Deus não está no nível do indivíduo, mas que é superior. Nesse ponto é justo fazer menção ao pensamento de Karl Barth:

Pois Deus está no céu, e tu estás na terra (Ec 5.2). Esse Deus, do qual depende, sem exceção, tudo o que há, é totalmente inacessível, exceto por meio da autorrevelação divina. Esse é o Deus que julga a humanidade pecadora, mas é também o Deus que oferece gratuitamente o perdão e a salvação por intermédio da dádiva expiatória do Filho de Deus, Jesus Cristo.³¹

A oração do cristão não pode estar no esteio da opinião dos outros, nas meras concepções de acadêmicos; é importante entender que a essência da oração é espiritual, pois, quando se finca nisso, ou seja, nas dialéticas humanas, seca-se como uma planta pelo calor do sol (Lc 8.13). A oração deseja ofertar muitas coisas, mas aquele que ora deve ser consciente de que precisa ser obediente. Jesus mencionou que se pode pedir qualquer coisa, mas, primeiro, tem que estar ou permanecer em sua Palavra (Jo 17.7).

Isso mostra que Jesus quer crescimento e disciplina na prática da oração; que ela não pode ser feita fortuitamente. Quem tem comunhão com Cristo vai aprender, vai crescer espiritualmente, e não orará sem fundamento algum (1Jo 3.21). Em um relacionamento amalgamado em Cristo, praticando seus ensinamentos, jamais a pessoa pedirá algo que contrarie a sua vontade, pois deve estar completamente dominado por sua presença, ter a sua própria mente (1Co 2.16).

O cristão deve orar da maneira correta porque está completamente dominado pela lei do Espírito Santo (Rm 8.2). Essa lei traz qualidades divinas para a sua vida, priorizando um comportamento adequado, que se ajusta ao que Deus deseja. Orar nessa lei é afirmar que quem a faz está completamente refinado pelo Pai e é nesse diapasão que as palavras do apóstolo Tiago, ao afirmar que a oração do justo tem seus efeitos, se complementa (Tg 5.16).

Para que a oração ofereça condições de resposta, ela tem que estar ajustada aos mandamentos divinos; é a vontade humana procurando a vontade de Deus; a

³¹ MILLER, Ed. L. *Teologia contemporânea*. São Paulo: Vida Nova. 2011. p. 18.

conduta humana afinando-se com o querer do Senhor (1Jo 5.14.15). Esse posicionamento pode ser bem entendido com a citação de Stott:

A condição, porém, é, se pedirmos alguma coisa segundo a sua vontade. Em 3.22 a condição da oração respondida é que a nossa conduta concorde com os mandamentos de Deus, aqui, que os nossos pedidos concordem com a Sua vontade. A oração não é um recurso conveniente para impormos a nossa vontade a Deus, ou para dobrar Sua vontade à nossa, mas, sim, o meio prescrito de subordinar a nossa vontade à de Deus. É pela oração que buscamos a vontade de Deus, abraçamo-la e nos alinhamos com ela. Toda oração verdadeira é uma variação do tema *Faça-se a tua vontade*.³²

Não há escape. Para que a oração seja respondida, a pessoa precisa se sujeitar à vontade de Deus, procurar fazer o que ele determina em sua Palavra. Somente assim o ouvido do Pai estará atento aos clamores dos fiéis servos.

Perde-se hoje a realidade da oração feita por diversos cristãos porque apenas buscam o próprio querer, esquecendo que deve prevalecer o querer daquele que concede todas as coisas por sua graça, amor, favor, e não por méritos humanos. Ninguém tem as orações respondidas porque é alguma coisa, por ser influente ou escolhido, mas, sim, porque abriu a porta do coração para deixar que Jesus assumisse o controle de todas as coisas.

Não há como se impor a vontade de servo diante do soberano. Foi isso o que Jesus quis ensinar: disse que o importante para quem vai se dirigir ao Pai é entrar no seu programa e não tentar fazer qualquer alteração. Portanto, a oração certa é: *“seja feita a tua vontade”* (Mt 6.10). Buscar a vontade de Deus é alinhar-se aos ditames, às normas que jamais podem ser quebradas, desfeitas. Se assim não for, ainda que se ore, nada se receberá, pois os pedidos irão se alicerçar no campo do orgulho e da vaidade humana. Como menciona Tiago, *“nada tendes porque pedis mal”* (Tg 4.2-3). Fazendo menção a Tiago 4.2,3, Keller apresenta uma explicação sobre a petição ardorosa mas sem base bíblica:

Uma das maneiras pelas quais a oração de súplica pode nos causar dano real é se a virmos como um meio de dizer a Deus: seja feita a minha vontade. Tendemos a ser indulgentes como nossos apetites dizendo a Deus, e em termos nada titubeantes, como ele deveria governar o universo. Uma oração dessas nem o agrada nem nos ajuda a crescer na graça.³³

Entende-se que o pedir mal na verdade é buscar priorizar os interesses pessoais para deleite próprio, renunciando à soberania divina; ademais, quando se

³² STOTT, John R. W. *I, II, III João: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova. 2006. p. 158.

³³ KELLER, 2016, p. 217.

orar procurando esclarecer algo a Deus, quem o faz se esquece de que Deus é o Criador e Dono de tudo.

O panorama do presente século evidencia que tipo de orações está sendo feito,: sem os fundamentos daquilo que é proposto nas páginas da Bíblia e que hoje resulta da experiências isoladas de algumas pessoas que se apresentam como tendo uma comunhão particular e prioritária com Deus, e que passa a ser modelo para outras, que logo oram para serem vistas e aplaudidas. Não é esse tipo de postura que a oração sincera deseja ofertar.

2.6 A relevância da oração

A sapiência da oração está no fato de que, por meio dela, a pessoa orante pode viver e desfrutar dos propósitos de Deus, renegando os seus próprios. A prova disso consiste em se orar até pelos inimigos (Mt 5.44). Orar assim é trilhar o caminho que Jesus trilhou, pois amou aos inimigos e deu sua vida por todos (Rm 5.8; Jo 3.16). Orar amorosamente só faz quem tem o coração dominado pelo amor de Cristo Jesus, pois não há no coração qualquer sentimento de ódio, preconceito, racismo, segregação. Desta maneira o mal será vencido.

A sociedade hodierna tenta vencer o mal com o mal, demonstrando ódio. Paulo menciona que se vence o mal é com o bem (Rm 12.21). São incalculáveis os benefícios espirituais dos quais podem desfrutar aqueles que oram, isso tanto no campo espiritual como físico, desde que todas as orações estejam firmadas nos ideais divinos.

Libertação, cura, perdão, misericórdia, tudo pode ser vivido pelo que ora. Quando um cristão ora por algo ou alguém, está contribuindo para o Reino, por isso que Paulo os denomina “*cooperadores*” (1Co 3.9). Nesse viés, o canal de notícias Gospel Prime menciona:

Uma equipe de americanos médicos notou que a prática de orar todos os dias evita uma série de doenças e melhora o sistema imunológico. Sem promover nenhuma religião os pesquisadores estudaram como a oração afeta o cérebro e o que a prática pode oferecer para a saúde física, mental e emocional das pessoas. O resultado dessa pesquisa foi transformado em um vídeo para que um maior número de pessoas possa entender que a oração faz bem para a saúde. A comunidade

médica que participou da pesquisa percebeu que a prática muda as quatro áreas do cérebro humano: lobo frontal, o córtex cerebral, o lobo temporal e o sistema límbico.³⁴

É claro, essa pesquisa foi realizada por pessoas da área da saúde, mas, quem tem contato com as Escrituras Sagradas entende o outro lado da oração, que é a dimensão espiritual. Na verdade, o cristão ora porque coopera com Deus da forma a mais íntima, como menciona Duewel:

Há muitas maneiras de se cooperar com Deus através da obediência, do serviço a outros, e de compartilhar seu amor. Mas Ele quer ter um contato ainda mais próximo com você. Ele quer levar você ao seu círculo íntimo, onde você pode ouvir o seu grande coração batendo por um mundo perdido. Ele criou você com a capacidade de falar e ter comunhão com Ele. Acima de tudo, como seu colaborador, você foi criado para orar como Ele ora.³⁵

Pais, ao citar os cristãos como cooperadores de Deus, afirma que tal posição não lhes permite se orgulharem, mas se sentirem prazerosos por fazerem parte do programa divino através da oração; por isso diz:

O resultado prático é que ninguém pode jactanciar-se em si mesmo, pois Deus é a origem e o alvo de toda missão espiritual que realizamos. Nossa cooperação com Deus chama-se oração. Sempre devemos orar antes que Deus se levante e opere no mundo dos homens.³⁶

Nesse sentido, a oração é um privilégio para o cristão, não um peso, mas representa uma atividade a ser desenvolvida com prazer. Ao colocar-se em oração, permitindo que Jesus controle o coração, o cristão está deixando que Deus não somente assuma o controle de tudo, mas coopera com ele, pois sua vontade não é realizada por árvores, animais irracionais, mas pelos seres humanos que se permitem dominar por Deus. Antes que Deus execute sua vontade, é preciso primeiro que alguém diga “*Eis-me aqui*”, como Isaías.

Ao falar em cooperação com Deus na oração, de imediato se descarta qualquer tentativa de persuadi-lo, pressioná-lo a fazer algo, mas é um caminhar de mãos dadas que se propõe a levar ao mundo aquilo que ele colocou no seu coração, pois doravante seus pensamentos e vontade não são próprios, mas, sim, de Deus. Ter os pensamentos de Deus é visar levar avante seu programa espiritual, solicitando a vinda do seu Reino.

³⁴ <https://noticias.gospelprime.com.br/pesquisa-americana-diz-que-orar-traz-beneficios-ao-cerebro-e-a-saude> (acesso em 18 nov. 2017).

³⁵ DUEWEL, Wesley L. *Toque o mundo através da oração*. São Paulo: Candeia. 1996. p. 39.

³⁶ PAIS, 1992, p. 41.

A relevância da oração ainda pode ser figurada na *kerigma*, a proclamação da Palavra, buscando a libertação dos que estão aprisionados pelo sistema imposto por Satanás, o inimigo do Reino; os que cooperam nesse projeto estão plenamente protegidos por Jesus Cristo, que garantiu sua presença constante (Mt 28.20).

Nas palavras de Paulo, destaca-se a relevância da oração para um mundo tumultuado em todos os aspectos: moral, social, político, que tem gerado má distribuição de renda e falta de amor. A oração pode trazer tranquilidade, pois gera piedade, honestidade, e facilita o conhecimento de Deus na reestruturação do indivíduo e da real identidade, que foi maculada pelo pecado (1Tm 2.1-4).

Não se pode jamais perder de vista o imperativo de Jesus Cristo e de Paulo de se orar sempre, com perseverança (Lc 18.1; 1Ts 5.17). Essa ênfase é porque pela oração se tem o conhecimento preciso para se desenvolver a vida cristã e frutificar em tudo (Cl 1.9). Pode-se dizer ainda que é relevante orar por dois motivos: é o caminho que conduz a Deus e vida que gera vida. Assim como uma estrada conduz a alguma cidade, a oração conduz a alma do indivíduo a Deus. Nesta vida, o ser humano acumula muita bagagem, dinheiro, conhecimento, poder, status, título, fama, mas vai se esquecendo de que, se não andar pela mão certa, poderá parar em um abismo.

Olhando para o mundo, vemos que o alcance tecnológico é vertiginoso, sem precedentes. A cada instante se progride mais e mais, porém, com suas conquistas, os homens vão se esquecendo do Criador, o que tem lhe causado grande aflição, perdendo-se nos pantanais desta vida. Israel cresceu grandiosamente no Egito, mas, quando estava em aflição, procurou orar ao Pai, buscando encontrar a estrada certa (Êx 3.7-10).

Deus sempre vem ao encontro do ser humano quando reconhece sua insuficiência e que precisa do Pai protetor e amoroso. Nesse quebrantamento, por meio da oração, o que busca a Deus por necessidade logo tem a revelação do bondoso Deus, que quer conceder sempre algo melhor que os bens materiais: a vida feliz. Aquele que prepara o caminho do coração, a estrada da vida, para que a vontade soberana divina seja feita com certeza irá viver o melhor de Deus nesta terra, pois, para Deus, não existe impossibilidade. Sem ele, nem adianta tentar (Jo 15.5).

Crises locais, nacionais e internacionais podem ser dissolvidas através da oração, quando cada cristão procura viver a vontade de Deus, cooperar com Deus, as mais diversas bênçãos podem acontecer. No Livro de 2 Crônicas 7.14, na dedicação do grande templo construído por Salomão, Deus fala fazendo a inclusão de quatro verbos: orar, humilhar, buscar, converter; se o seu povo assim fizer, o perdão e a cura serão concedidos.

J. Barton Payne, doutor em Teologia, fazendo uma análise sobre 2 Crônicas 7.14, escreveu:

Este grande versículo, o mais conhecido de todo o livro das Crônicas, expressa mais do que qualquer outra passagem das Escrituras, as exigências divinas para uma bênção nacional, quer na terra de Salomão, na de Esdras, ou em nossa própria. Aqueles que creem devem abandonar seus pecados, abandonar a vida que se centraliza no ego e submeter-se à Palavra e à vontade de Deus.³⁷

As crises presentes no cenário humano, desde a gênese, são resultado do afastamento do indivíduo de Deus, da não sujeição à sua vontade, especialmente de sua Palavra, assim, o equilíbrio nacional e as bênçãos que todos os países desejam, cura e restauração, só são possíveis pela sujeição a Deus.

Cura e salvação têm seu sentido espiritual. Envolvem, na verdade, o aspecto da aliança que o Senhor fez com Israel. Caso esse povo ouvisse, a cura da alma e do corpo poderia acontecer. A salvação envolve o livramento de problemas, de dores, de inimigos, mas também se refere à profecia messiânica, pois era dos israelitas que viria o Messias ao mundo para sarar a todos de seus pecados. Anteriormente foi relatado que o envolvimento dos cristãos em oração pelos outros pode trazer paz nacional e internacional, como escreveu Paulo (1Tm 2.1-4).

Para que aconteça uma cooperação do indivíduo com Deus, é preciso desobstruir o caminho, por vezes, da parte do ser humano, o coração não quer fazer a vontade de Deus, destarte, orar para que essa vontade divina venha é lutar com Deus em oração. Não se pode entender a expressão *lutar em oração* no sentido de pensar que se pode mudar a Deus ou seus propósitos, antes, é mudar quem ora e, desse modo, o querer humano é aluído, prevalecendo soberanamente a vontade do eterno.

³⁷ PFEIFFER, Charles F.; HARRISON, Everett F. *Comentário Bíblico Moody*. Josué a Cantares. São Paulo: JBR. 2001. p. 243.

A concretização da vontade divina no coração do homem requer sua participação e um exemplo bem clássico nesse particular pode ser visto na história do profeta Daniel, a quem o Senhor revelou os segredos escatológicos do mundo. Daniel, querendo compreender a vontade do Senhor, pôs-se em oração e jejum, e prontamente a resposta veio (Dn 10.12-13).

A relevância da oração é imensurável. Ela não pode ser aquilatada apenas no aspecto humano, mas, sim, espiritual. Deve-se orar a Deus para que seus planos neste mundo sejam concretizados. Nesse sentido, requer-se inteiramente a participação do indivíduo. Pela oração o coração humano é preparado para viver e fazer a vontade de Deus. É o meio pelo qual o querer divino realiza ações nesta terra. Deus só age na vida daqueles que se abrem para ele. Não há como Deus trabalhar quando se manifesta oposição, não querendo a sua vontade. Toda relevância da oração está no fato de o ser humano cooperar com Deus, aceitando a vontade, o querer, o que desencadeia uma amizade construída na fidelidade e comunhão com o Pai.

O último aspecto da relevância da oração é que ela é a semente da vida presente no indivíduo. Quando ora ao pai, apresentando-se como dependente de Deus, ele recebe a vida que precisa para viver a vida de Deus na terra. Vidas expressões simbólicas e apocalípticas falam da vida que recebem os que priorizam a vontade de Deus; são caracterizados como quem lavou as suas vestes (Ap 7.14).

A oração traz a santidade e realidade de Deus para o indivíduo que vive nesta terra. O profeta Habacuque expressou isso muito bem quando disse: *“Aviva, ó Senhor, a tua obra no decorrer dos anos”* (Hc 3.2). Pela semente da oração o indivíduo tem uma nova visão de si, de Deus e do mundo. Dominado por essa vida que vem pela oração, há uma manifestação de sentimento puro pelo bem-estar do próximo, desejo de anunciar a bondade do Senhor, de exercitar incessantemente o querer do eterno.

A vida que a oração gera no cristão o faz desejoso de sempre estar na casa de Deus (Lc 24.53). Essa foi a postura dos discípulos de Cristo quando foram ensinados por ele sobre a importância de viverem sempre em oração; todos se aplicaram a essa maravilhosa prática, inclusive Maria, sua mãe (At 1.14). As realidades sobrenaturais vieram sobre todos tendo sua causa na oração, conforme escreve Lucas em Atos 2.1-4.

O cristão hodierno precisa entender que a oração faz germinar os mais belos frutos da alma, gera vida, contagia, proporciona a paz que o coração precisa. Essa era a causa da ênfase de Jesus e Paulo sobre a necessidade de se orar sempre. Os que vivem hoje dominados pelo estresse da vida, pela opressão e pela depressão podem encontrar alívio para suas ânsias na oração. A vida que o mundo precisa vem pela oração. É nesse sentido que Paulo exorta a que se ore por todos (1Tm 2.1-4).

As injustiças sociais, os desmandos, a prática de roubo, homicídios, estupros – todo esse quadro pode ser investido pelo poder da oração, quando aqueles que têm mãos limpas a fazem em favor dos que vivem na prática de todos esses maléficos procedimentos. Todos podem orar, não há prediletos de Deus para isto. Quem desejar fazer a sua vontade pode ser usado por Deus. A oração cria amizade e comunhão com Deus, gera vida, prioriza o querer de Deus, muda quem ora, portanto, essa é a grande relevância da oração. Não se pode deixar que as vicissitudes da vida roubem o tempo de viver em oração com o Pai, fazer do indivíduo um ser independente de Deus.

2.7 Conclusão

Ao tratar sobre a relevância da oração para uma vida de fé segundo o modelo bíblico, envolvendo o Velho e o Novo Testamento, a proposta neste capítulo é apresentar a evolução que acontece desde o primeiro momento em que o ser humano começa a buscar a Deus. Assim procedeu envolvendo uma forma bem primitiva, mas, posteriormente, recebeu as orientações divinas para que as orações fossem desenvolvidas dentro da vontade de Deus.

Os santos do Novo Testamento oram caminhando na estrada já formada pelos antigos pais, ou seja, seguindo uma tradição veterotestamentária. A fé que os antigos tinham nascia da revelação que Deus fazia de si mesmo, o que é chamado de autorrevelação. A oração era progressiva, pois a essência se concretizaria com a vinda de Jesus Cristo, o qual será o Emanuel, Deus com os homens.

Contudo, o verdadeiro conhecimento de Deus só pode ser adquirido graças à autorrevelação divina, e somente pelo homem que aceita isso com fé semelhante à de uma criança. A religião necessariamente pressupõe tal conhecimento. Esse conhecimento é a mais sagrada revelação entre o homem e seu Deus, relação na qual o homem tem consciência da absoluta grandeza e majestade de Deus como o Ser supremo, e de sua completa insignificância e sujeição ao Altíssimo e Santo Ser. E, se isso é verdade, segue-se que a religião pressupõe o conhecimento de Deus do homem. Se o

homem fosse deixado totalmente nas trevas e a respeito do Ser de Deus, ser-lhe-ia impossível assumir uma atitude religiosa. Não poderia haver reverência, piedade, temor de Deus, serviço de adoração.³⁸

O que se buscou, foi, obviamente, não apenas evidenciar a transcendência e imanência do divino e eterno Deus; é claro, a totalidade do ser de Deus é incompreensível ao ser humano pela sua finitude, mas, através da revelação especial que se deu pelo Deus-Emanuel, isso é cognoscível, pois o Espírito Santo age no interior de cada ser vivente que crê em Deus, lhe ensinando as mais belas verdades sobre Deus.

Em seus ensinamentos, Jesus abordou uma nova forma de se orar a Deus, não o tendo como um ser carrasco, mas, sim, como um maravilhoso e cuidadoso Pai, perante o qual se deve prestar toda reverência e temor. A linguagem paterna gera um ambiente familiar, declarando que o pai sempre responde aos que lhe pedem algo.

Há uma verdade teológica na expressão *Pai*, declarando a nova filiação que o ser humano desenvolve com Deus, pois, mediante o sacrifício de Jesus Cristo na cruz, procedeu-se a reconciliação do indivíduo com o eterno. O ensino de Jesus sobre a oração não somente declara um novo conhecimento da revelação perfeita de Deus, mas o que a caracteriza é o amor, o perdão, a verdade, a sinceridade para que de fato Deus possa ouvir.

Por fim, menciona-se que a oração, depois de se entender seu conteúdo bíblico, torna-se importante para uma vida de fé porque, quanto mais o ser humano se aproxima de Deus para dialogar, mais comunhão e paixão por Deus ele terá, pois a oração é oxigênio para a alma humana. Entendeu-se também que o alvo da oração não é ofertar coisas, mas, sim, comunhão e gratidão a Deus por todos os seus benefícios, ademais, a importância está firmada no desejo de fazer e compreender a vontade de Deus.

³⁸ BERKHOF, 2007, p. 30.

3 ASPECTOS TEOLÓGICOS SOBRE A ORAÇÃO E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Propor a temática da oração à parte da análise bíblica é sem sentido, mas é imperioso que se estude a oração a partir de um olhar teológico, pois, na essência, a oração é vista como o sistema de crença religiosa acerca de Deus ou dada realidade suprema. Neste sentido, a teologia se refere à realidade cristã e à experiência de Deus com base na autorrevelação divina. A teologia também busca aplicar essas verdades à experiência e ao pensamento humano como um todo³⁹.

3.1 Um olhar teológico para a oração

A *Teologia Sistemática* de Millard J. Erickson aborda a questão da natureza da teologia:

Para alguns leitores, a palavra *doutrina* pode se mostrar um tanto ameaçadora. Ela evoca visões de crenças muito técnicas, difíceis e abstratas, talvez apresentadas de forma dogmática. Doutrina, entretanto, não é isso. A doutrina cristã é apenas a declaração das crenças mais fundamentais do cristão: crenças sobre a natureza de Deus; sobre nós, que somos suas criaturas; e sobre o que Deus fez para nos trazer à comunhão com Ele.⁴⁰

Entende-se que a teologia não é apenas um aglomerado de sistema de ensino; não tem como missão precípua complicar a fé ou o intelecto humano. Na essência, a teologia procura evidenciar a crença no verdadeiro Deus à luz da Bíblia e como Deus se achega aos que o buscam. A oração é um assunto que não pode estar fora da ótica teológica, visto que é tema principal das Escrituras. Nenhum teólogo pode estudar teologia se de fato deseja que a teologia seja fundamental para a vida, sem primeiro ter conhecimento do Deus que vai buscar informação na Palavra.

O escritor aos hebreus menciona que todos quantos se aproximam de Deus têm que crer que Deus existe (Hb 11.6). Dessa forma, estudar sobre Deus sem crer nele é tempo perdido. Da mesma forma pode se dizer que orar sem crer em Deus é em vão. Considerar Deus como um nome, uma energia, uma força, um pensamento, uma ordem moral resultará em nada, pois a pessoalidade é massacrada, o que jamais gerará fé. A teologia fala de um Deus pessoal que se comunica com suas criaturas e, desse modo, orar a Deus é comunicar-se com um ser inteligente que está pronto para ouvir os servos.

³⁹ GRENZ; GURETZKI; NORDLING, 2001, p. 128.

⁴⁰ ERICKSON, Millard J. *Introdução à teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova. 1997. p. 15.

Em sua definição teológica sobre a oração, Charles Hodge diz:

A oração, pois, pressupõe não só a personalidade de Deus, mas também que ele está perto de nós; que não só é capaz, mas também está disposto a manter relação conosco, ouvir e responder; conhecer nossos pensamentos à distância; e as inexpressíveis aspirações lhe são inteligíveis. Pressupõe que ele tem o controle pessoal de toda natureza, ou seja, de todas as coisas fora dele; e governa todas as suas criaturas e todas as ações delas. Pressupõe que ele não tem só poderes, mas também que está em toda a parte presente, controlando a operação de tais forças e poderes, de modo que nada ocorre sem sua direção ou permissão.⁴¹

No momento em que alguém se põe em oração para falar com Deus, crendo que ele responde, age, escuta, já o faz com verdadeira fé, sem qualquer resquício de dúvida, pois entende que dele são todas as coisas e que ele está no controle delas. Afirmar que não se precisa orar, que Deus tem conhecimento do que o indivíduo precisa, é não querer partilhar da comunhão, pois Deus quer manter diálogo com suas criaturas. Essa comunhão não deve acontecer apenas no nível do dar ou receber, mas, sim, de se prostrar para orar àquele que é Senhor absoluto, o dono do universo inteiro, o criador de tudo, inclusive de quem está orando a Deus.

Existe uma negatividade na vida de muitos teólogos quanto ao controle de Deus sobre as coisas, especialmente em negar a prática da oração. Certos fenômenos que acontecem neste mundo atribuem apenas às leis da natureza, como, por exemplo, a chuva, os raios do sol, a vida e a morte. A frieza no campo da comunhão com Deus, especialmente da importância de se precisar de Deus, resulta dessa insensibilidade, da não crença no sobrenatural. Essa postura tem feito de alguns teólogos apenas cientistas da Bíblia, pois se esquecem que quem controla tudo é Deus.

Entender o ensino teológico da providência divina é saber que através de combinações inteligentes, ainda que fazendo junções com as causas naturais, mas que Deus é quem está no comando. Na perspectiva teológica entendem-se dois pressupostos: o primeiro, que o indivíduo vive dentro de um mundo controlado por leis, as quais são estabelecidas por Deus, mas Deus vive fora dessas leis, de modo que ele não está sujeito às leis e, assim, pode operar fora da lei. Orar a Deus é entender que o poder é grandioso. Assim, Charles Hodge menciona o seguinte aspecto:

⁴¹ HODGE, 2000, p. 1532.

A doutrina bíblica consiste em que Deus é um ser extraterreno e pessoa, independente do mundo que ele criou, e dotou todas as coisas materiais com suas diversas propriedades ou poderes, os quais ele, em sua onipresente e infinitamente sábia onipotência, controla constantemente. Essa doutrina é pressuposta na oração, pois oração e resposta à oração são simplesmente a apresentação de um pedido, de um lado, e a aquiescência ao pedido, do outro. O homem se esforça, Deus consente. O homem pede um favor, Deus o concede.⁴²

O que se percebe é um ser de baixo, que está na terra, falando a um ser supremo invisível que está no céu. Essa ação para ser feita precisa de fé e conhecimento da Palavra, a qual revela o verdadeiro Deus, que responde as orações a ele dirigidas.

A verdadeira teologia crê e entende que o Deus soberano responde quando clamam segundo a sua vontade. Deus luta contra os sistemas ou ensinamentos que contrariam essas assertivas, como o ateísmo, o panteísmo, algumas ciências e várias filosofias, as quais negam a personalidade de Deus e que as coisas acontecem por seguir um curso natural dentro das próprias leis.

A questão acima é séria posto que, se tudo segue um curso natural, não se precisa orar, se Deus é impessoal, a que se dirigirá uma oração? Entende-se que orar ao Pai cria não somente um senso de dependência e humildade, mas também o desejo de mudança, de santidade, pois quem vai estar na presença de Deus sabe que ele é santo e que deseja dos seus filhos santidade, de modo que não agirá hipocritamente.

A teologia bíblica menciona que Deus existe, que vem de Deus a chuva, o tempo, a vida, a saúde, que quem assim crê pode desfrutar mais e mais de suas benesses, ao passo que aquele que não crê goza dessas bênçãos comuns não reconhecendo de onde vêm, o que, na citação de Paulo, seria uma ingratidão (At 14.17). Quem afirma que a época dos milagres já passou, que era apenas para outros tempos, épocas, terá orações inconsistentes.

Para muitos cientistas, tudo o que acontece neste mundo segue naturalmente as leis da natureza, da física, nada além disso. Esses argumentos negam a possibilidade de os milagres acontecerem, pois milagres como os que são narrados na Bíblia acontecem por meio de uma ação direta de Deus, algo sobrenatural, não

⁴² HODGE, 2000, p. 1533.

natural. Portanto, os Evangelhos narram que Jesus deu vista aos cegos, ressuscitou mortos, curou leprosos, acalmou o mar e o vento – isso é milagre, é intervenção divina.

A teologia bíblica ensina que isso é possível por meio do poder divino e, dessa maneira, contrapõe os argumentos científicos que se fundamentam nos sentidos, na experiência e nas provas laboratoriais. A teologia da oração se fundamenta na Bíblia, elencando essa temática dentro do contexto geral. Donald A. Carson apresenta uma definição precisa sobre esse tipo de teologia:

Por teologia bíblica entendo aquele ramo da teologia cuja preocupação é estudar cada segmento das Escrituras individualmente, especialmente quanto ao seu lugar na história da revelação progressiva de Deus. A ênfase de tal estudo recai sobre a história e o segmento específico.⁴³

Na história do povo de Deus, sempre se percebe que Deus agiu em favor dos servos, especialmente daqueles que o buscaram pela oração. Gênesis começa afirmando que ele criou todas as coisas. Esse é o consenso das obras teológicas, não obstante, para os cientistas isso não é verdade e, para os ateus, nada disso existe. O teólogo procura provar que Deus é o criador de tudo, de modo que para Deus qualquer pessoa pode dirigir a oração se tiver fé. Não existe irracionalidade alguma orar a Deus pedindo que conceda um bom tempo, mande chuva, dê boas safras, viagem com segurança, proteção, isso porque Deus foi quem criou todas as coisas, é o dono delas, razão pela qual tem que se pedir somente a Deus.

O teólogo comprometido com a Palavra de Deus, que tem ciência da realidade do poder e eficácia da oração, dirá que o Deus da Bíblia tem ouvidos para ouvir as orações que são dirigidas a ele (Is 59.1), que Deus não se constitui apenas de poder, inteligência, mas de amor. Deus é descrito como Pai, o qual sente a dor dos filhos, tem compaixão, longanimidade e benevolência por todos. Não se pode atentar para tais expressões apenas como antropomórficas, mas como verdades preconizadas nas páginas das Escrituras.

Bíblica e teologicamente é dito que o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1.26-27) e, nesse caso, o homem tem os traços da personalidade divina. Derek Kidner diz que existe semelhança entre essas duas palavras e que não são distintas, que alguns teólogos afirmam que *imagem* está

⁴³ CARSON, D. A. *Teologia bíblica ou sistemática?* São Paulo: Vida Nova. 2001. p. 27.

relacionada à questão racional e moral, ao passo que *semelhança* se trata da relação com a vontade de Deus, mas ele questiona tal posicionamento:

As palavras *imagem* e *semelhança* se reforçam mutuamente; não consta “e” entre as frases, e a Escritura não as emprega como expressões tecnicamente distintas, como querem alguns teólogos. Segundo estes, a imagem é a indelével constituição do homem como ser racional e como ser moralmente responsável, e a *semelhança* é a aquela harmonia com a vontade de Deus, perdida na queda. A distinção existe, mas não coincide com esses termos. Depois da queda, ainda não se diz que o homem é segundo a imagem de Deus (Gn 9.6), é Sua *semelhança* (Tg 3.9). Nem por isso se requer menos dele que se refaça segundo a imagem daquele que o criou (Cl 3.10; Ef 4.24). [...] Segundo a Bíblia, o homem constitui uma unidade; a ação, pensamento e sentimento em unidade com o todo do seu ser. Então, este ser vivente, e não alguma destilação dele emanada, é a expressão ou transcrição do Criador eterno e incorpóreo em termos de uma existência temporal, corpórea e própria de uma criatura – como se poderia tentar a transcrição, digamos, de um poema épico numa escultura, ou de uma sinfonia num soneto. Neste sentido a *semelhança* sobreviveu à queda, desde que é estrutural; enquanto humanos, somos, por definição, à imagem de Deus. Mas a *semelhança* espiritual – numa palavra, amor – só pode estar presente onde Deus e o homem estiverem em comunhão; daí a queda destruiu, e nossa redenção torna a criá-la e a aperfeiçoá-la (1Jo 3.2).⁴⁴

O que Derek Kidner diz é que é uma transcrição do Deus eterno na forma de uma existência temporal; mesmo assim não se pode responder com precisão o *é do homem* com o *é de Deus*. Trata-se de mistério, mas que ele tem os traços divinos isso não pode ser negado. A forma com que Deus cria o homem prova que ele o ama e que deseja seu bem.

3.2 Deus como objeto da oração

Reveste-se de grande importância a análise da oração pelo aspecto teológico porque envolve os atributos divinos. Por atributos se entende, conforme cita Langston, que não são Deus, mas tratam dos modos e qualidades da sua própria existência⁴⁵. Não obstante, o teólogo Charles C. Ryrie, mencionando os atributos de Deus, difere de outras abordagens que comumente se notam em diversas obras teológicas e os trata como sendo as perfeições de Deus. Por isso afirma:

As várias perfeições de Deus não são partes que compõem a Deus. Cada uma delas descreve o que ele é. O amor, por exemplo, não é simplesmente parte da natureza de Deus; em seu ser total, ele é amor. Embora o Senhor possa mostrar uma qualidade ou outra em determinado momento, não há qualidade que seja independente ou que se destaque mais que outra. Mesmo

⁴⁴ KIDNER, Derek. *Gênesis: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova. 2006. p. 48.

⁴⁵ LANGSTON, A. B. *Esboço de Teologia Sistemática*. Rio de Janeiro: Juerp, 1986. p. 48.

quando Deus demonstra sua ira, ele continua sendo amor. E quando demonstra amor, não abandona sua santidade.⁴⁶

Entende-se que os atributos não são partes isoladas do todo divino, mas são a própria constituição e que estudá-los no envolvimento com a oração se faz necessário pelo fato de a pessoa orante ter consciência de que o ser a quem se dirige não é apenas um objeto qualquer, um ser sem existência, sem qualidade, que não pode ser conhecido.

Anteriormente foi abordado a oração no Antigo e Novo Testamento e se relatou a pessoalidade divina, assim, quando faziam suas orações, os servos tinham consciência de a quem estavam orando. Há, porém, um destaque especial no Novo Testamento no tocante a Deus, posto que no Antigo Testamento as revelações eram imperfeitas; os escritos neotestamentários falam do Deus Triúno, ou seja, Pai, Filho e Espírito Santo, sendo estas pessoas distintas. Neste sentido, o tópico na obra do teólogo descreve com precisão essa questão da Trindade:

A importância teológica da doutrina da Trindade é percebida no fato de ela ser necessária para manter uma série de doutrinas cristãs. Em primeiro lugar e acima de tudo, a deidade de Cristo. [...]se não fosse pelo problema cristológico da pessoa de Jesus, essa doutrina jamais teria sido desenvolvida. No entanto, há ainda outro motivo significativo pelo qual precisamos insistir nessa doutrina. Em segundo lugar, a imutabilidade de Deus. A verdade de que Deus é amor, requer interação e comunicação. Se Deus não fosse triúno em seu ser, a mera criação do universo e seu acesso às suas criaturas em amor seriam impossíveis, sem que se efetuasse uma mudança em sua própria natureza. É a verdade revelada da interação eterna entre as pessoas divinas da Trindade o que dá espaço para a interação divina com os seres criados, sem que se destruía a imutabilidade de Deus.⁴⁷

A questão dessa nova percepção neotestamentária da trindade é compreensível porque leva o cristão a entender claramente a quem a oração deve ser dirigida, por isso é que o teólogo Henry Clarence Thiessen assevera:

A quem é dirigida a oração. A Escritura ensina que devemos orar ao Pai (Ne 4.9; Jo 16.23; At 12.5; 1Ts 5.23) e ao Filho (At 7.59; 1Co 1.2; 2Co 12.8,9; 2Tm 2.23), mas, segundo Torrey, não há oração registrada na Bíblia que seja dirigida ao Espírito Santo, mas a comunhão com o Espírito Santo é mencionada. Isto pode significar oração, mas pode significar a apropriação do Espírito Santo [...] Podemos acrescentar que, como o Espírito Santo também é Deus, deve ser adorado juntamente com o Pai e o Filho (Mt 4.10; Ap 22.9). Entretanto, o papel do Espírito Santo é mais o de orar em nós (Rm 8.26; Jd 20) do que receber nossas orações. Conforme diz Evans: a ordem normal da oração é a de orar no Espírito, pelos méritos do Filho ao Pai.⁴⁸

⁴⁶ RYRIE, Charles. *Teologia básica ao alcance de todos*. São Paulo: Mundo Cristão. 2004. p. 41.

⁴⁷ STURZ, Richard J. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova. 2012. p. 172.

⁴⁸ THIESSEN, Henry Clarence. *Palestras introdutórias à teologia sistemática*. São Paulo: EBR. 1999.

Neste aspecto, não há como se criar qualquer confusão no ato da oração pelo ensino da trindade, pois cada um, dentro dessa comunhão etérea, tem papel bem específico, e agradece ao pai por ter providenciado as mais belas riquezas espirituais por meio de Jesus Cristo. Jamais se pode ter a ideia nesse viés que se deve orar a três deuses – isso é terminantemente refutável.

No Novo Testamento há um destaque especial à deidade de Jesus Cristo: Jesus é um com o Pai, é Deus, e tudo se dirige a Deus, inclusive a oração. Diversas pessoas se dirigiram a Jesus, fazendo-lhe pedidos, por reconhecerem sua divindade. Os discípulos solicitaram a Jesus que lhes aumentasse a fé (Lc 17.5), o ladrão na cruz pediu que Jesus se lembrasse dele ao entrar no seu reino (Lc 23.42), Estêvão na hora da morte pediu que o Senhor Jesus recebesse seu espírito (At 7.59), Paulo por diversas vezes orou diretamente a Cristo e agradeceu a ele pelo cuidado divino (1Tm 1.12).

Em Apocalipse 5.13, João descreve Jesus como aquele que perdoou todos os pecados e que a Jesus seja dado o louvor, a honra, a glória, o domínio pelos séculos dos séculos. Percebe-se que no pedido de Estêvão chamar Jesus de Senhor, palavra aplicada somente a Deus, mas, nesse caso, isso se deu porque Estêvão reconheceu a deidade de Jesus Cristo. Louis Berkhof analisa essa questão com competência:

O nome do Senhor (*Kurios*) é aplicado a Deus na *Septuaginta*, (a) como equivalente a Jeová; (b) como tradução de Adonai; e (c) como versão de um título honorífico aplicado a Deus (principalmente *Adon*), Js 3.11, Sl 97.5. No Novo Testamento, vemos uma aplicação tríplice do nome a Cristo, um tanto parecida com a do Antigo Testamento, (a) como uma forma polida e respeitosa de tratamento (Mt 8.2; 20.33); (b) como expressão de posse e autoridade, sem nada implicar quanto ao caráter e autoridade divinos de Cristo (Mt 21.3; 24.42; e (c) com máxima conotação de autoridade exata do título. Indubitavelmente, depois da exaltação de Cristo, o nome era geralmente aplicado a ele no sentido mais exato. Mas há exemplos do seu uso mesmo antes da ressurreição, onde evidentemente já alcançara o valor especificamente divino do título, como em Mt 7.22, Lc 5.8, Jo 20.28.⁴⁹

No entanto, entende-se claramente que Jesus é Deus e, nesse caso, Deus é objeto da oração dos cristãos, o que é provado plenamente no Novo Testamento, como já citado. Jesus humanizou-se, ele é o Emanuel, o Deus que se identificou com

p. 286.

⁴⁹ BERKHOF, 2007, p. 289.

a humanidade (Mt 1.23), e seu Pai o qualificou com poder, por isso pode perdoar pecados, conceder o Espírito Santo, estar na vida daquele que crer.

Charles Hodge diz isso com precisão:

Como a Bíblia tão claramente ensina que Cristo é Deus, manifestado na carne; que todo poder no céu e na terra foi confiado às suas mãos; que ele está qualificado a conceder o arrependimento e a remissão de pecados; a distribuir o Espírito Santo; e está escrito que ele habita em nós e é a nossa vida, com isso ela nos ensina que ele é o próprio objeto da oração.⁵⁰

Assim como Deus é amor, seu filho amado também o é, pelo amor. Há que se dizer que a oração é construída em um relacionamento que gera alegria, prazer, por se ter consciência de estar se orando a alguém que realmente não tem apenas o amor, mas é o amor. Cada pessoa cristã hoje pode orar sem medo de ser castigada, sem ter uma ideia deposta sobre a pessoa de Deus e Cristo, pois o grande atributo de Deus é o amor.

Ter Deus como objeto da oração é de relevante importância, primeiro porque se tem conhecimento da sua personalidade e, e segundo, saber que Deus é o amor em essência. Nas inúmeras vezes que se encontra alguém orando na Bíblia, dos lábios brotam sentimento de gratidão, alegria, louvor, confiança, petição, devido ao conhecimento que se tem dos atributos de Deus.

Entretanto, os atributos de Deus, são, em parte, comunicáveis ao indivíduo, enquanto outros pertencem apenas a Deus e, dentre estes, se destacam: onipresença, onipotência, onisciência, imutabilidade. Os comunicáveis são santidade, amor, verdade. Orar a um Deus que tem personalidade, qualidade, gera mais fé a quem o faz. O teólogo Eurico Bergstén, na obra *Teologia Sistemática*, relata sobre a personalidade de Deus dizendo:

Enquanto várias filosofias agnósticas – entre elas o panteísmo, afirmam que Deus é somente uma força impessoal ou que Deus é a natureza e se identifica com a sua criação, isto é, onde está a criação, aí está Deus, a Bíblia revela Deus como uma Pessoa divina que possui todas as características de uma individualidade. Se Deus não tivesse personalidade com a qual pudesse se comunicar-se, os homens não teriam jamais a sua sede do Deus vivo saciada (Sl 42.2), porque jamais entrariam em contato com Ele, mas Deus é vivo e tem personalidade.⁵¹

Como alguém poderia dirigir a oração a um Deus impessoal, sem atributos? A oração tem que ser direcionada a algo; se assim não for, ela não terá endereço

⁵⁰ HODGE, 2000, p. 1538.

⁵¹ BERGSTÉN, Eurico. *Teologia Sistemática*. Rio de Janeiro: CPAD. 2006. p. 23.

certo. Jesus foi bem claro ao dizer que o Pai é o objeto da oração. Deus ouve e responde porque é vivo. No Novo Testamento está escrito que Deus não é Deus dos mortos, mas dos vivos (Mt 22.32) e quem ora a Deus está certo de que vai receber uma resposta porque ele tem vida.

Qual é a proposta que a comunidade eclesial e teológica, especialmente os seminários, estão apresentando a seus membros, alunos, e aos que desejam dedicar-se à prática da oração, visto que se difundem inúmeras concepções sobre Deus nas muitas religiões? A resposta para esse questionamento é objetiva: consta nas páginas da Bíblia quem de fato é o Pai, a quem se deve orar.

A fé que uma pessoa deseja professar é livre, a religião que escolher deve partir de uma decisão própria, mas, ao fazê-lo, é necessário que seja instruída quanto aos atributos do objeto a que se dirigirá a oração. A falta de reverência e temor que se manifesta na atualidade para com Deus resulta da ausência do verdadeiro conhecimento. Nos corredores de universidades e certos seminários, e já alguns teólogos, adentram o terreno santo da comunhão com Deus sem qualquer ideia na mente do que seja a santidade divina. Salomão disse que o princípio da sabedoria não são as palestras teológicas, os estudos, mas, sim, o temor a Deus; quem o tem manifesta pelos atos.

A verdadeira teologia busca a sabedoria divina para que se tenha temor, reverência para com as coisas sagradas, de modo que não as trata como levianas, triviais. É de considerar as palavras de Libanio e Murad destacando a questão do Sagrado:

A matriz do sagrado gera teologia bem concreta com a preocupação de tornar o divino o mais acessível possível às pessoas. Uma de suas formas se exprime na teologia da religiosidade popular que, na linguagem de Pedro Oliveira e R. Azzi, prima pelas constelações da devoção e da promessa. Ambas revelam proximidade e visibilidade do sagrado até as raias de intimidade ousada.⁵²

O propósito da verdadeira teologia é o de aproximar cada vez mais o ser humano de Deus, incentivar a busca da comunhão com Deus, pois é no Cristo divino que a imagem decaída é recuperada, o eu humano destruído para que o eu divino surja, como cita Paulo (Gl 2.20). Todo ensino ou doutrina que distancie o ser humano

⁵² LIBANIO, J. B.; MURAD, Afonso. *Introdução à teologia: perfil, enfoques, tarefas*. São Paulo: Loyola. 2000. p. 292.

de Deus, que não valoriza o que está preconizado nas páginas da Bíblia, já perdeu a essência do sagrado.

É lamentável, mas lançam-se livros no mercado tentando desfazer da Bíblia, da existência de Deus, da oração, da vida piedosa. Tal procedimento revela o nível em que alguns teólogos se encontram, perdidos na pequenez da mediocridade, e não somente isso, mas também em vil condição espiritual e humana, pois, ademais, tudo o que a Bíblia ressalta são valores que exaltam o bem-estar, a vida, a construção do amor, da estrutura familiar, do perdão, da salvação.

3.3 A dimensão espiritual da oração

Pelo teor da Palavra de Deus, notabilizam-se a extensão e a profundidade de a oração estar além do quesito meramente ritualístico, humano. A oração, no sentido mais profundo, é espiritual e espiritualizante; não acontece no campo da materialidade, mas da alma, pois o corpo não ora e, sim, o espírito humano, que busca encontrar-se no cerne de tudo, a origem da vida, Deus. A origem do ser humano é divina, por isso é que a alma busca se encontrar com o criador. O indivíduo não pode orbitar apenas na periferia humana, pois, na realidade ontológica, necessita de algo maior, a presença de Deus, sendo esta a causa de o salmista afirmar que sua alma tem sede de Deus (Sl 42.1-2). É por essa razão que escreve Cláudio Antônio Delfino:

Assim, estamos em estreita comunhão com o Pai, no Espírito. Tal realidade não é periférica em nossa existência, dado que fomos criados por Deus e para ele, e dele trazemos um desejo que nos atrai irresistivelmente. Viver unido a ele é questão de buscar e alcançar nossa própria realização.⁵³

Por essência o ser humano é espiritual, pois foi criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1.27), o que quer dizer que traz na sua constituição o elemento espiritual. Por imagem de Deus, há uma precisa definição feita por Philotheus Boehner e Etienne Gilson:

Ao criar o homem à sua imagem, Deus dotou-o de todos os seus bens. Gregório salienta que a expressão *dotou-o de todos os seus bens* deve ser tomada em sua acepção estrita: o homem possui todos os bens possuídos pelo próprio Deus, pois o que é criado segundo à imagem é em tudo semelhante ao seu protótipo. Não obstante, a imagem permanece distinta do seu modelo; a diferença entre Deus e o *nous* está em que Aquele é incriado, e este, criado. Deus possui todos os bens, enquanto a natureza criada, o homem possui-os enquanto natureza criada, e da mesma maneira em que um ser criado é suscetível de recebê-los, a saber, em sua forma diminuída

⁵³ DELFINO, Cláudio Antônio. *Necessidade Humana de Deus hoje*. São Paulo: Paulinas. 2008. p. 135.

ou atenuada. Como o sol, apesar de sua grandeza, pode espelhar-se num fragmento de vidro, assim a nossa natureza limitada reflete as propriedades inefáveis da divindade.⁵⁴

O ser humano segue o modelo original de Deus e isso acentua sua constituição espiritual. A diferença é que, enquanto Deus é um ser incriado, que tem vida em si mesmo, o homem é criado, mas partilha dos raios divinos em vida. Sendo espiritual, nada pode preencher a alma do homem a não ser quem o fez, Deus, pois Deus é Espírito – essa é a causa da inquietação pela busca do que é espiritual. Percebe-se que por natureza o ser humano é religioso e busca o que possa preencher seu vazio. Crê-se ter sido essa a causa de “Agostinho, a despeito de tantas teologias cristãs em litígio, rompeu caminho rumo ao Cristo, realizando o sentido das suas próprias palavras: fizeste-nos para ti, Senhor e inquieto está o nosso coração até que ache quietação em ti”⁵⁵.

A peregrinação do indivíduo espiritual tem seu destino certo. Se assim não for, o caminhar será sempre marcado por inquietação, desilusão, e, para acalmar essas intempéries da alma, é preciso se colocar em oração, através do que se entra no mais profundo campo da espiritualidade.

Essa peregrinação não pode se dar fora de Cristo, por isso é que ele destacou como precípuo, não secundário, o fato de todos permanecerem nos seus ensinamentos (Jo 15.7). É necessário estar ligado a ele para se produzir os mais excelentes frutos. Caso não seja assim, o ser humano irá produzir o que tem dado ao longo da existência: obras e obras, as quais acontecem na esteira do orgulho e do egoísmo humano.

Sem Jesus Cristo nada podemos fazer. Com ele produzimos frutos que permanecem para a eternidade, frutos excelentes. Somos os ramos e ele, a videira verdadeira. Um ramo sem videira nada produz e tende a secar e morrer, mas, unido a ele, tudo se torna possível. É nesta intimidade que recebemos dele mesmo um bem que nenhuma riqueza pode adquirir: a vida eterna. Para sermos dignos de recebê-la, é preciso andar como ele andou, amar como ele amou.⁵⁶

Entende-se que, para caminhar bem na profundidade espiritual, é preciso desenvolver comunhão com Jesus. O relativismo tem tomado conta do coração dos indivíduos, ademais, o desejo por bens materiais tem sufocado a alma. É claro, não

⁵⁴ BOEHNER, Philotheus. *História da Filosofia Cristã*. Rio de Janeiro: Vozes. 2009. p. 100.

⁵⁵ HODHEN, Huberto. *Agostinho: um drama de humana miséria e divina misericórdia*. São Paulo: Martin Claret. 2010. p. 18.

⁵⁶ HODHEN, 2010, p. 135.

se descarta o uso, pois serve para alguma coisa nesta vida, mas é bom lembrar que a oração deve ser usada como meio, não fim, e com o seu uso deve manter-se equilíbrio e prudência, pois, caso não seja assim, escravizar-se-á a alma humana, impedindo o progresso espiritual.

Quem não percebe que hoje o desejo de muitos é sexo, prazer, riqueza, fama não atentando para aquilo que é de mais estimável valor: a comunhão com Deus e a vida eterna. Jesus falou que os cuidados desta vida, as riquezas e a ambição sufocam a mensagem divina, levando a uma vida infrutífera. No texto grego majoritário⁵⁷, a palavra *cuidados* é *mériminai*; fala de preocupações, ansiedade; preocupações indevidas, das quais Jesus alertou para não as ter (Mt 6.25, 27,31; Lc 10.41; Fp 4.6).

Os consultórios de médicos, psicólogos e psiquiatras estão lotados de pessoas com doenças psicossomáticas, as quais podem se manifestar em diversos sistemas que constituem nosso corpo, como, por exemplo: no sistema gastrintestinal, úlcera, gastrite, retocolite; no sistema respiratório, asma, bronquite; no cardiovascular, hipertensão, taquicardia, angina; no dermatológico, vitiligo, psoríase, dermatite, herpes, urticária, eczema; no endócrino e metabólico, diabetes; no sistema nervoso, enxaqueca, vertigens; nas articulações, artrite, artrose, tendinite, reumatismo⁵⁸.

O apóstolo Pedro menciona que o remédio para combater a ansiedade é lançar-se aos cuidados de Jesus (1Pe 5.7). É bem verdade que Jesus falou assim porque ouvira dizer que não se devia estar ansioso por nada, visto que o Pai sabe de tudo e quer abençoar aqueles que o buscam. Tem-se então aqui a prova de que é por meio da oração que a alma encontra sossego.

Na dimensão espiritual da oração, no viés teológico, o sucesso da pessoa se deve ao fato de haver afinção entre o que ora e Jesus, firmada na palavra, o que a levará a pedir somente aquilo que se preceitua com os ditos ensinamentos, pois aquilo que desejava somente as coisas para o corpo, o eu, está crucificado com Cristo (Gl 2.20). Estar em Cristo é o começo para se viver na dimensão espiritual. Por meio do Espírito Deus fecunda o que a alma necessita: vida eterna (Jo 17.3). Através dessa ação

⁵⁷ HODGES, Zane; C. FARSTAD, Arthur. *Novo Testamento Interlinear Analítico*. São Paulo: Cultura Cristã. 2008. p. 19.

⁵⁸ [https://pt.wikipedia.org/wiki/Doença_psicossomática](https://pt.wikipedia.org/wiki/Doen%C3%A7a_psicossom%C3%A1tica) (acesso em 18 nov. 2017).

divina, há uma conscientização de que agora o homem é filho de Deus, o que lhe levará orar de maneira paternal, familiar: “Pai Nosso, Aba Pai” (Rm 8.14-17).

É nessa cristalização que se entende a dimensão espiritual da oração, pois para chamar Deus de Pai, ao orar, é fundamental que se tenha a consciência de sua filiação com Deus, que se dá por meio da obra de Jesus Cristo, jamais pela força ou mérito humano (Jo 1.12). Agora, aquele que ora tem consciência de que é morada de Deus, casa do Espírito Santo. Quem ora não o faz simplesmente porque quer, mas, sim, porque a vida está padronizada nos ditames de Cristo, ademais, o Espírito Santo age constantemente no ser, conscientizando que agora ele é filho de Deus, que depende sempre de sua orientação. Por isso é que Cláudio Antônio Delfino menciona:

O Espírito Santo é que garante a eficácia da oração. Assim, podemos rere Jo 15.7 e compreender melhor. O cristão deve permanecer em Cristo e as palavras dele, no cristão. Vínculo dessa permanência é o próprio espírito de filhos adotivos que nos foi dado. O Espírito de Cristo que em nós habita socorre-nos em nossas fraquezas e intercede por nós. Sua intercessão chega até Deus, o Senhor, encontrando correspondência no desejo de Deus mesmo. Assim sendo, Deus nos entende naquilo que queremos.⁵⁹

Somente o pai entende a linguagem do filho que gerou; todo ser humano neste mundo foi gerado por Deus, afastou-se dele tomando os atalhos do pecado, mas foi resgatado por Cristo, que o colocou de novo na condição de filho de Deus e, agora, é conscientizado pelo Espírito Santo dessa filiação, por isso precisa sempre agradecer ao Pai, o que se faz pela oração, essa é a dimensão.

É imperioso entender que, na dimensão da oração, a categórica afirmação de que Deus como Espírito é singular e que Deus sonda o coração daqueles que oram, a aproximação com o espírito humano é bem íntima por isso requer-se sinceridade de quem ora. Mencionando Deus como Espírito, diz Tillich:

A afirmação de que Deus é Espírito significa que a vida como espírito é o símbolo inclusivo para a vida divina. Ela contém todos os elementos ontológicos. Deus não está mais perto de uma parte do ser ou de uma função particular do ser do que de outra. Como Espírito, ele está perto da escuridão criativa do inconsciente quanto da luz crítica da razão cognitiva. O Espírito é o poder de Deus através do qual vive o sentido, e é o sentido que imprime direção ao poder. Deus como Espírito é a unidade última tanto do poder quanto do sentido. Em contraste com Nietzsche, que identificou as duas afirmações: Deus é Espírito e Deus está morto, devemos dizer que Deus é o Deus vivo porque é Espírito.⁶⁰

⁵⁹ DELFINO, 2008, p. 138.

⁶⁰ TILLICH, 2005, p. 257.

Compreender Deus como Espírito é saber que Deus é a vida divina, é o infinito que estabelece comunhão como o finito, recebendo de Deus a potencialidade. O finito passa a estar nas mãos do infinito, tendo ciência plena da finita vida. Isso o ser humano sabe porque tem consciência da mortalidade, mas recebe do infinito Espírito da vida, Deus, a vida verdadeira. O relacionamento com esse ser espiritual, Deus, o eterno, infinito, não pode acontecer no campo das meras aparências, da camuflagem, dos disfarces religiosos ou da piedade de aparência, pois Deus, sendo o dono da vida, conhece o íntimo de cada um, como diz o Salomão. Deus faz um ultrassom espiritual da alma (Pv 21.2).

Orar com palavras ao Deus Espírito sem a sinceridade de coração é tolice e ofensa, visto que Deus sabe o que se passa no íntimo; tentar orar a Deus de lábios, sem quebrantamento verdadeiro, é outro grande erro. Jesus, como Deus, conhece o coração das pessoas, razão pela qual afirmou que muitos estavam lhe horando apenas de lábios (Mt 15.8).

Não se pode orar ao doador da vida sem reverência, apenas verbalizando palavras, nem dar graças sem a verdadeira gratidão, tentar demonstrar lágrimas, choro, humildade sem sentimento de indignidade, fazer-lhe pedido sem que realmente esteja pronto para sujeitar-se ao seu querer. Sem a verdadeira dimensão da espiritualidade da oração não há como orar com eficiência.

Não se pode negar que hoje muitas orações já perderam a dimensão espiritual e isso tem acontecido em templos, orações públicas, ajuntamento de cristãos, e até na oração em particular, em que muitos fazem orações sem o toque do divino na alma, sem a emoção verdadeira que leva ao quebrantamento. As emoções presentes na oração devem ser motivadas pela Palavra e, se assim não for, serão meras emoções humanas. Grudem cita sobre as emoções e a sinceridade na oração ao dizer:

Nos relacionamentos pessoais, se tentamos simular intensidade emocional e exibimos emoção fingida, incompatível com os sentimentos íntimos, as outras pessoas envolvidas geralmente percebem na mesma hora a nossa hipocrisia e se irritam. Quanto mais Deus não perceberá o fingimento. Ele conhece completamente o nosso coração. Portanto, não se deve fingir intensidade e profundidade de envolvimento emocional na oração; é impossível iludir a Deus. Porém, se verdadeiramente passarmos a enxergar as circunstâncias como Deus enxerga, se passarmos a enxergar como realmente são as necessidades de um mundo ferido e moribundo, então nos será natural orar com intenso envolvimento emocional que Deus, Pai misericordioso que é, atenda a oração sentida. E se porventura grupos de oração brotarem assim tão intensamente emotivas, os cristãos devem certamente aceitá-las e dar

graças por elas, pois muitas vezes indicam uma profunda ação do Espírito Santo no coração da pessoa que ora.⁶¹

Davi falou ao seu filho Salomão para em tudo proceder com sinceridade, pois Deus conhece o coração, expressão bíblica que denota a parte mais íntima do ser humano, e o esquadrinha (1Cr 28.9). Um Deus verdadeiro, que tem onisciência perfeita, não pode ser enganado por emoções dissimuladas praticadas por aqueles que oram; na verdade, quem for dedicar-se à oração precisa saber que está diante daquele que sabe de todas as coisas.

Por vezes, alguém ora alto, outro grita, faz exigências, reclamações, como fizeram os profetas de Baal, no episódio envolvendo Elias (1Rs 18.27-28), mas toda emoção envolvida na oração sem tem que ter o elemento catalisador, a santa Palavra de Deus. Ney Bailey está correto ao afirmar que toda emoção manifesta no cristão em sua prática de vida de oração a Deus não pode ser heterogênea, antes deve alinhar-se às normas das Escrituras:

E eu tenho descoberto que Ele traz as minhas emoções ao nível de Sua Palavra, no Seu próprio tempo e à Sua maneira. A Bíblia promete para aqueles que verdadeiramente amam a Deus, que tudo o que acontece em suas vidas terá o efeito de os moldar à imagem de Cristo. Alguns de nós têm orado mais ou menos assim: 'Senhor, eu te peço para que tu me faças mais semelhante a Ti. Oro para que Tu me faças conforme à imagem de Cristo. Geralmente o que queremos é que o Senhor nos dê um anestésico, para que um dia, repentinamente, acordemos totalmente moldados ao caráter perfeito de Cristo'.⁶²

É preciso entender que a perfeição que se deseja ter no nível de Cristo não acontece apenas em um pedido de oração, antes, na trajetória da vida, frente aos problemas, lutas, desafios, tristezas e alegrias, os servos de Deus são provados, diante delas, se tiver estruturado pela Palavra, vivendo na vontade divina, reagirá positivamente, alcançado a maturidade espiritual perfeita para viver como Deus deseja.

Na dimensão da oração a Deus, não se pode descartar reverência a Deus, tanto no aspecto bíblico como teológico, especialmente pelos seus atributos divinos, Deus deve ser honrado, exaltado, glorificado (Rm 11.26). Deus é santo e necessário se faz que quem for orar a Deus o faça em santo temor. Esquecer esse princípio é um sacrilégio que se pratica contra Deus.

⁶¹ GRUDEM, 2007, p. 316.

⁶² BAILEY, Ney. *Fé e emoções*. São Paulo: Candeia. 1994. p. 36.

Na contextura bíblica, qualquer tipo de oração que era feita tinha o reconhecimento da grandiosidade e santidade divina, de maneira que sempre se evocava reverência a Deus em tudo. A dimensão da conscientização da reverência a Deus tem o seu peso transcendente e imanente; o orante sabe que Deus está nos céus, mas que controla cada ato ou situação nesta vida, que vigia a todos, que está perto de quem lhe ama de verdade. Essa é a grande lição da paternidade divina: Deus cuida de todos os seus filhos.

Ter consciência da imanência e da transcendência divina é relevante para quem se coloca em oração, pois entende que Deus não está no seu mesmo patamar, nível, mas que ele é Senhor Soberano, Deus Espírito, Pai; daí não se pode dizer: “nós dois”, “o cara lá de cima”, o que evidencia falta de reverência.

Outro aspecto importantíssimo que deve ser levado em consideração na dimensão da oração é a humildade, que trata de se ter ciência daquele que ora da sua insignificância como criatura diante de Deus, perante a santidade e grandiosidade do eterno. Pelo teor bíblico, aqueles que iam sempre buscar a Deus em oração tinham esse sentimento e reverência. Essa foi a postura de Jó, que, diante de Deus, se considerava um ser abominável, de maneira que se punha no pó (Jo 42.6), e o profeta Isaías, que, contemplando a majestade e santidade de Deus, disse: “*ai de mim*” (Is 6.5).

Não está na dimensão espiritual quem ousa ir à presença de Deus fazendo autojustificação de si, colocando-se como santo, como merecedor de algo. É bom lembrar que perante Deus ninguém tem mérito algum e o Pai atende ao que clama devido à propiciação feita por Jesus Cristo na cruz.

Amiúde, nas muitas páginas do Novo Testamento há destaques especiais sobre a necessidade de humildade quando se for orar, pois quanto àqueles que têm atitudes de dignos, arrogância, jamais serão ouvidos, porém, quanto mais humildade, mais Deus se abre para quem assim procede, como foi o caso do publicano que, em sua postura de quebrantamento, insuficiência, sem qualquer merecimento, carecendo tão somente do favor divino, foi o que concedeu a resposta da oração (Lc 18.9-14).

É interessante olhar para o texto de Lucas 18.9-14, pois a humildade do publicano foi grandiosa: primeiro, não se aproxima do templo, posta-se de longe dele, pois não tinha coragem nem sequer de olhar para os céus por se considerar pecador.

Uma análise bem apropriada para essas colocações está presente no *Comentário Bíblico Beacon*:

Tanto a sua atitude quanto o conteúdo da sua oração eram opostos aos dos fariseus. Ele estava profundamente consciente dos seus pecados, e estava também espantado pelo seu próprio senso de indignidade. Ele não tinha nada para dizer a seu próprio fazer; sua única súplica era por misericórdia.⁶³

Não há dimensão mais perfeita quando aquele que ora se coloca perante o Pai em plena humildade, sempre lembrando que é pecador. Algumas pessoas estão orando, mas será que é com esse sentimento exposto na Bíblia, que foi praticado por aqueles que queriam de fato entrar em comunhão com Deus? É preciso entender que, para entrar na dimensão espiritual da oração, tem que se colocar em humildade.

Uma outra grande veracidade no viés da dimensão da oração é quanto à importunação, a qual foi incentivada por Cristo Jesus. Isso pode ser comprovado em Lucas 11.5-8; 18.5-8. É referente ao episódio que envolveu a mulher siro-fenícia, sua importunação para com Cristo foi insistente, o que incomodou até os discípulos (Mt 15.22). Pergunta-se então: qual é o valor disto para a oração?

Charles Hodge⁶⁴ diz que Deus nos trata como um sábio benfeitor. Deus deseja que apreciemos o valor de suas bênçãos, ademais, é preciso empenho em buscar seus benefícios, demonstrando desejo intenso por todas as bênçãos. O indivíduo se empenha para muitas coisas nesta vida, com o propósito de beneficiar seu corpo físico, mas quem se importuna para buscar a Deus pela oração na verdade está se incomodando para buscar qualidade espiritual de vida para a alma.

Explicando a questão da importunação ou insistência, Leon L. Morris escreve:

Os eleitos clamam a ele dia e noite. Oram com persistência incansável. Percebem que estão grandemente necessitados e reconhecem que sua única esperança é em Deus. Os recursos terrestres não servirão.⁶⁵

Quem conhece a Deus e sabe o valor de suas bênçãos espirituais sempre irá se colocar em oração, com fervor, insistência, não descansando até que as alcance. Mostrar-se desinteressado pelas bênçãos divinas, não buscar a Deus nos momentos

⁶³ EARLE, Ralph; SANNER, A. Elwood, CHILDERS, Charles L. *Comentário Bíblico Beacon, Mateus a Lucas*. Rio de Janeiro: CPAD. 2006. p. 468.

⁶⁴ HODGE, 2000, p. 1539.

⁶⁵ MORRIS, Leon L. *Lucas: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2006. p. 247.

de aflições, desconsiderar suas dádivas presentes na Palavra, especialmente as promessas.

No presente mundo, o desejo dos indivíduos pelas bênçãos divinas está quase desaparecendo. Os interesses se voltam para as coisas desta vida: dinheiro, fama, poder. É lamentável dizer que até no setor eclesiástico as importunações feitas a Deus não são por reconhecer sua santidade, necessidade de humildade, quebrantamento, sede pela justiça divina, mas, sim, pelo desejo material.

Quem entra na dimensão da oração não pode desejar querer próprio, a vontade, mas deixar-se levar pelo querer maior de Deus. Nesse caso, acontece o que é chamado de subordinação. Essa postura adota aquele que toma conhecimento do poder de Deus e do cuidado como pai, que sempre quer o melhor para os filhos.

Na dimensão da oração há uma ligação especial com a fé. Isto quer dizer que quem vai orar precisa crer na existência de Deus e que ele ouve as orações e as responde. A fé de se entender que Deus responde não se pauta apenas na ideia da mente, mas, sim, na certeza de que, quando se ora segundo a vontade de Deus, a resposta é certa, isso porque as orações estão tomando como base a sabedoria de Deus escrita na Palavra.

Se Deus não respondesse as orações, então textos como de Mateus 7.7, 18.19 e João 14.13 deveriam ser eliminados da Bíblia, mas, é claro, Deus responde, pois é promessa sua (Jo 15.16; 14.13; 16.24), todavia, é preciso fé para tomar posse disso e ajustar-se ao querer de Deus. Neste sentido, aquele que vive na dimensão espiritual da oração não usa o nome de Jesus como um amuleto da sorte, uma varinha de condão, pelo contrário, tem consciência que o uso do nome de Jesus para prática da oração envolve o elemento teológico, pois orar em seu nome é o mesmo que orar ao pai. O uso de seu nome requer fé, pois no Novo Testamento estão as obras que Jesus fez por meio do poder do Pai em sua vida.

Os discípulos aprenderam a lição. Pedro curou o paralítico na autoridade de Jesus e esclareceu a todos que o que fora curado não era uma ação própria ou de virtudes pessoais, mas, sim, pela fé que exerceu no nome de Jesus (At 4.9,10). Os milagres que eram operados pelos apóstolos, na verdade, resultavam da dimensão espiritual que entravam pela comunhão com Cristo Jesus por meio da oração.

Nessa dimensão, os apóstolos primeiramente entenderam o que Jesus era, por meio das obras que fez, por isso oravam em seu nome. A compreensão dos discípulos, sobretudo, é uma ação pedagógica que desperta para uma reflexão, a de que os apóstolos passaram a entender que não eram pelos méritos ou caráter que tinham as orações respondidas, realizando grandes obras, mas, sim, por causa dos méritos de Cristo Jesus. Em Atos 3.12, diante do milagre, ou seja, a cura do paraplégico, a multidão se volta para os dois homens que operaram o milagre, mas Pedro veementemente afirma que os apóstolos não fizeram aquilo, mas, sim, a autoridade do nome de Jesus. Howard Marshall explica isso dizendo:

Pedro toma como ponto de partida a maneira do povo naturalmente estar fitando a João e a ele, maravilhados, como detentores do poder extraordinário que curara o homem. O povo ou considerava que tinham poderes próprios dos mais notáveis, ou que eram tão devotos que Deus respondia às orações deles com sinais milagrosos. Seja qual for o pensamento do povo, Pedro quis desviar sua atenção, dos apóstolos, para a origem do milagre.⁶⁶

Existem pessoas que se dizem cristãs, inclusive certos líderes, que se apresentam como sendo detentores do poder de Cristo, iluminadas, escolhidas, as quais, por conseguinte, possuem ou detêm um tipo de poder especial para operar milagres. Nada disso. Toda pessoa que vive a dimensão espiritual da oração conforme os ditos de Cristo, obedecendo-os com reverência e temor, pode ser um instrumento nas mãos de Deus.

Portanto, a grande verdade é que a dimensão espiritual da oração não tem apenas uma conotação mística ou um tipo de espiritualidade ascético, contemplativo, conforme se vê nas meditações orientais⁶⁷, mas a verdadeira espiritualidade se baseia nos ensinamentos de Jesus, de modo que o cristão abre o seu coração para Deus movido pela fé. Pode-se dizer que a dimensão espiritual da oração faz parte da teologia espiritual, que diz:

Por sua natureza mesmo, a teologia espiritual se diferencia dos outros setores da teologia. A dogmática se envolve com a compreensão e interpretação dos conteúdos da fé. A moral desvela os fundamentos e critérios normativos do agir cristão. A pastoral se refere à organização e animação da vida da comunidade. A espiritualidade, por sua vez, reflete sobre o processo da fé, descrevendo-lhe a estrutura e as leis de seu desenvolvimento. Estuda a ressonância do relacionamento com Deus na consciência, liberdade e sentimentos da pessoa. Define-se como a ciência teológica que estuda o desenvolvimento progressivo da vida cristã, quer

⁶⁶ MARSHALL, I. Howard. *Atos: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova. 2006. p. 90.

⁶⁷ KELLER, 2016, p. 22.

dizer, da vida da graça animada pelo impulso dinâmico até alcançar a santidade perfeita, sob a ação vivificadora do Espírito Santo.⁶⁸

Quando isso acontece, quem ora procura entregar-se completamente e passa a viver os mistérios de Deus, rendendo a razão às grandes obras divinas, sem qualquer questionamento. Na dimensão espiritual da oração, aquele que ora está pronto para aceitar o diálogo da Bíblia, valoriza aquilo que tem na sua essência: a presença de Jesus.

3.4 A consequência da oração

Infere-se logicamente que a oração tem importância. Se não fosse assim, as Escrituras não dariam tanta ênfase à oração. Decerto, assim como um diálogo constrói comunhão, resolve conflitos, a oração é o exercício espiritual em benefício da alma, daí a ênfase paulina: “*Orai sem cessar*” (1Ts 5.17) sobre a qual Howard Marshall faz um comentário:

Esta também é uma injunção comum nos escritos de Paulo (2Ts 3.1; Rm 12.12; Ef 6.18; Cl 4.2), que corresponde ao seu próprio exemplo e prática. Paulo fala bem naturalmente da sua própria prática de orar constantemente (Rm 1.9), sem sugerir que isto era de qualquer maneira incomum. Pelo contrário, não estava confinado a quaisquer horários fixos de oração, mas podia orar em qualquer tempo, e orava mesmo. Os cristãos podem descobrir que, se não observarem ocasiões definidas de oração, podem esquecer-se de orar em qualquer tempo. O que Paulo diz não é que não existem horários estabelecidos para que a oração, quer falada, quer silenciosa, sempre seja fácil e natural. Posto que passa a falar das ações de graças como sendo uma atividade esperada, provavelmente esteja pensando na petição por si mesmo e na intercessão pelos outros. Semelhantemente oração será uma fonte de força para os crentes que enfrentam dificuldades de qualquer tipo, e os tessalonicenses não teriam dificuldade em aplicar esta injunção algo geral à sua própria situação específica.⁶⁹

Observe que o orar sem cessar não pode ser desenvolvido de qualquer jeito, o que constituirá um impedimento para sua eficácia, nem há exclusão do apóstolo sobre a questão de não ter um horário fixo para sua prática. Jamais Paulo poderia opor-se a isto, pois decerto tinha aprendido da tradição dos seus pais a importância dos horários fixos de oração (Sl 55.17; Dn 6.10). São as regularidades de alguns horários de oração com Deus que levará à prática de se orar sem cessar. Para quem

⁶⁸ LIBANIO; MURAD, 2000, p. 232.

⁶⁹ MARSHALL, I. Howard. *I e II Tessalonicenses: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova. 2006a. p. 149.

já desenvolve uma vida de oração com Deus, pode fazê-lo em qualquer lugar e horário, isso em palavras, pensamentos, gestos.

O coração de quem ora deve ser como um altar de incenso: jamais pode faltar em sua vida e, para que isto aconteça, é preciso alimentar o pensamento e o sentimento com palavras. Desse modo, a oração se apresentará de maneira verbal, assim como a lenha era necessária para que houvesse fogo no altar. Não podem faltar palavras na oração.

Quando alguém ora sem expressar qualquer palavra, ainda assim, orando no íntimo, no pensamento, já pode construir isso com palavras. Palavras são as vestimentas da oração.

Entretanto, é uma lei de nossa natureza que devemos prover nossos pensamentos e sentimentos com palavras. E, portanto, a oração se apresenta em uma forma verbal. Mesmo quando nenhuma vocalização audível se ouve, estão presentes à mente palavras como vestimenta, ou a expressão, de declarações íntimas.⁷⁰

Pode-se dizer que orar em pensamento, sentimento, na verdade trata-se do seu aspecto secreto, que é a oração habitual, perseverante, mas é também, nos horários fixos, com expressões de palavras, na construção de um diálogo, que a oração deve ser feita, pois nesse caso as consequências são como as que os alimentos causam ao corpo. Pelos textos do Novo Testamento, como tratado anteriormente, Jesus vivia de oração e a desenvolvia no próprio íntimo, pensamento, mas sua prática fixa era constante, daí sua ênfase em entrar no quarto para orar (Mt 6.6).

A vivência prática da oração desenvolvida por Jesus e seus seguidores gera um modelo a ser seguido: nada pode começar ou se desenvolver a não ser pela oração. Há que se construir com Jesus um diálogo, o que resultará em grandes benefícios para a alma e demais atividades desta vida.

Pode-se então pressupor que as consequências da prática da oração constante originem inúmeros bens, por exemplo, na questão social, quando a oração é desenvolvida domesticamente ou publicamente, ela tem um fim: o bem do seu semelhante. Sendo um ser social, o indivíduo busca comunhão com o seu próximo, quer na vida íntima como externa; não se pode pensar no eu sozinho, no mundo

⁷⁰ HODGE, 2000, p. 1541.

individualizado. Quem ora seguindo o exemplo de Cristo Jesus buscará o bem social de todos.

Qualquer oração que seja feita no exclusivismo, no individualismo, perde a natureza, isso porque, quando passo a estar em Cristo, sou membro da família espiritual, um corpo, desejando o bem de todos. Vale acrescentar ainda que a ausência da oração gera também consequências negativas. Isso pode ser apontado na questão do culto, que é um serviço público e se constitui de cânticos e pregações. Paulo menciona que o culto deve ser feito com entendimento e isso envolve o lado racional (*logiké*), excluindo a ignorância, de maneira que os que estão à frente do culto, especialmente da pregação, devem ser mestres para ensinar os ditos de Cristo (Mt 28.19.20).

Sem dúvida, jamais se poderá negar a importância do lugar da pregação e do ensino no culto, mas isso pode ser perigoso, pois corre-se o risco de transformar o pregador ou ensinador em um simples funcionário a serviço de questões religiosas. Paulo tinha todo esse cuidado. Não queria ser visto apenas como um servidor de cultos, antes seu alvo era anunciar a sabedoria e o poder de Deus para a salvação do pecador (1Co 1.17). É lastimável, mas urge dizer: faculdades e seminários estão formando bons ensinadores e pregadores, os quais, pela sua erudição, quando estão nos púlpitos, imprimem no povo admiração, mas os cultos são pobres de orações, gerando frieza e desestímulo.

Hoje, pela falta de vida nos cultos, muitos estão abandonando as igrejas e, sem dúvida, uma das causas disso é a falta de oração. Algo peculiar na Igreja Primitiva era a constância da oração; não a desprezavam priorizando outras coisas. Em Atos 13.1-2 está escrito que na igreja havia doutores e mestres, mas todos oravam e jejuavam. Sem oração, as consequências nos púlpitos são desastrosas, como diz E. M. Bounds:

O púlpito de hoje é pobre em oração. O orgulho da erudição opõe-se à humildade e dependência da oração. A oração do púlpito é por demais oficial – um desempenho na rotina do culto. Para o púlpito moderno, a oração não é mais a força poderosa como o era na vida e no ministério de Paulo. Todo pregador que não faz da oração um poderoso fator em sua própria vida, seu ministério é fraco como agente no trabalho de Deus e impotente para fazer prosperar a Sua causa neste mundo.⁷¹

⁷¹ BOUNDS, E. M. *Poder através da oração*. São Paulo: EBR. 2001. p. 9.

Muitos gastam tempo demasiado no preparo de suas pregações em detrimento da oração. A vida do sermão não vem das fontes literárias, das citações de renomados teólogos, mas da vida e autoridade que vem da oração.

Quantos sermões maçantes não se escuta hoje dos púlpitos de certas igrejas, sem vida, sem espiritualidade, apenas de referências bibliográficas, que não despertam o povo a voltar outra vez ali. Diga-se ainda que a falta de oração na vida do pregador e ensinador tem feito muitas pessoas sem temor e reverência para com as coisas de Deus, sem devoção e sem piedade.

É salutar ressaltar que o preparo para a pregação é necessário, que o mestre tem o papel importante na igreja, especialmente na condução do culto e edificação dos membros, mas precisa ter o coração dominado pela Palavra de Deus, pelo oxigênio da oração, para que não seja apenas uma máquina a serviço da igreja.

Para que esta parte do serviço divino seja conduzida à edificação do povo, é necessário; (1) que o ministro oficiante tenha um espírito realmente devoto; que os sentimentos e desejos, dos quais as orações são a expressão verbal, estejam em exercício em seu próprio coração. (2) que sua vida mente e memória estejam bem harmonizados com os pensamentos e a linguagem das Escrituras. Os homens santos de outrora falavam como que movidos pelo Espírito Santo. Suas expressões verbais, quer na adoração, quer na ação de graças, quer na confissão, quer na súplica, eram controladas pelo Espírito de Deus. Daí expressarem a mente do Espírito; são os mais apropriados veículos para a expressão daqueles sentimentos e desejos que o Espírito desperta na mente do povo de Deus. Nenhuma oração, pois, é mais edificante, sendo outras coisas iguais, do que aquelas que dominam o uso apropriado da linguagem bíblica. (3) A oração deve ser bem ordenada, de sorte que abarque todas as partes e tópicos próprios a oração na devida proporção. Isso evitará que ela seja divagante, difusa ou repetitiva. (4) Deve ser também adaptada à ocasião, seja durante o serviço ordinário no dia do Senhor, seja na administração dos sacramentos, ou no serviço especial nos dias de ações de graças ou de um jejum humilde. (5) Quase não se faz necessário dizer que a linguagem empregada deve ser simples, solene e correta. (6) As orações devem ser breves. Extensão excessiva neste serviço geralmente se deve não tanto à difusão, mas a inúteis repetições.⁷²

Hodge está certo, pois não há como se edificar a igreja se o coração não for movido pelas orações, alinhadas ao conteúdo da Palavra de Deus. O autor aponta que em todos os atos litúrgicos a oração deve estar presente, o que gera grande piedade e temor a Deus. Não há como negar: muitos pregadores levam com leviandade as coisas de Deus, sem qualquer temor ao ministrarem a Palavra.

Jamais se pode esquecer que a Palavra de Deus, os sacramentos, Batismo e Santa Ceia, incluindo a oração, são denominados meios de graça e visam vivificar e

⁷² HODGE, 2000, p. 1543.

santificar as vidas humanas. Nesse caso, a oração cria um elo entre esses sacramentos, concedendo as bênçãos divinas na prática e conduzindo todos a estarem mais próximos de Deus.

Na teologia de Alister McGrath, o aspecto histórico, teológico e filosófico menciona os sacramentos como rito ou sinal exterior, que têm o papel de transmitir graça aos cristãos. Ele afirma que o sacramento comunica a graça, assegura a unidade da igreja e gera fé e esperança.

Essa visão adquiriu uma importância especial na Reforma do século XVI [...] devido à sua importância atribuída à ideia de confiança (fidúcia), tida como uma característica que definia a fé justificadora. Para a primeira geração de reformadores, os sacramentos eram uma resposta de Deus à fraqueza humana.⁷³

Indubitavelmente, não se deve esquecer que pela oração aquele que a faz se aproxima de Deus, podendo desfrutar da graça, do amor, do cuidado, da glória e da paz que excede todo entendimento. A oração é um poder que coloca em ação todos os atos graciosos de Deus, ademais, geram gratidão, amor, reverência, fé, submissão, devoção, por isso que jamais se deve desprezá-la. A obra escrita por Oswaldo Bayer *A teologia de Martinho Lutero* destaca a oração como grande poder:

O que são todos os poderes em comparação com a palavra amém? A oração é um grande poder, uma força de Deus, algo que o poder do papa, de Satanás e dos turcos não é, mas, em comparação com a Palavra de Deus, o mundo inteiro é como um grão de pó, diz Isaías 40.15, algo tão pequeno, mas com todo o poder do mundo. Por isso dizer: Confio na promessa de Deus. Em Elias vê-se uma única pessoa orar, e com essa oração ela domina sobre nuvens, céu e terra, com o que Deus nos faz ver o poder e a força que tem uma oração reta, tanto que nada lhe é impossível.⁷⁴

O pastor ou líder que ora, inclusive os membros, não há dúvida, terão as ações vivificadas pela oração e tudo o que tem vida gera mais vida. Viver em oração, pautado na Palavra ou mandamentos de Cristo, é o meio pelo qual Jesus vem fazendo morada (Jo 14.23); essa morada garante não somente a presença de Jesus, mas todos os benefícios divinos que Jesus concede aos que creem em seu nome.

Finalmente, a maior consequência da oração é o poder que tem de colocar em ação o agir de Deus em favor dos seus. As ideias são colocadas em ação pelo poder pensante do ser humano; o amor evidencia o poder pelas atitudes de quem

⁷³ MCGRATH, Alister. *Teologia Sistemática, Histórica e Filosófica: uma introdução à teologia cristã*. São Paulo: Shedd. 2005. p. 584.

⁷⁴ BAYER, Oswald. *A teologia de Martinho Lutero*. São Leopoldo: Sinodal 2007. p. 256.

ama de verdade, as coisas no universo são dirigidas por leis naturais e físicas, tendo alguém que as controla, isto é, o poder de Deus (Hb 1.3).

Deus é quem controla todas as coisas, Deus é o poder supremo e, quando alguém ora a Deus, o poder entra em ação, assim como o poder humano entra em ação para beneficiar alguém que suplica ajuda ao semelhante. Essa assertiva é bíblica. Moisés, Elias, Samuel, dentre outros, todos recorreram à oração, o que prova o grande poder de todo cristão; ainda que sujeito a falhas e fraquezas, ele pode orar e receber de Deus a resposta. É nesse sentido que Tiago diz que “a oração do justo pode muito em seus efeitos” (Tg 5.17).

Champlin, no *Comentário Versículo por Versículo*, expõe magistralmente o poder da oração feita por um justo analisando Tiago 5.17:

Com essa declaração, o autor sagrado ilustra o poder da oração quando feita pelo justo, utilizando-se de uma familiar narrativa do A.T. A oração do justo pode modificar até as condições atmosféricas. Até mesmo nos tempos modernos, em que os cientistas têm obtido algumas alterações ligeiras nas condições atmosféricas, estas estão fora do controle essencial do homem. Assim também sucede a muitas circunstâncias da vida terrena. No entanto, nada está fora do alcance do controle divino, e a oração pode fazer esse poder entrar em ação.⁷⁵

Há promessa na oração. Quem desenvolve essa prática pode desfrutar de grandes benefícios na vida e isso inclui o ministério, a igreja e demais setores, pois as consequências, no aspecto positivo, são maravilhosas. Essa é a causa de Paulo, que confiava no poder da oração, incentivar todos a orarem uns pelos outros, até mesmo pelos governos, pois desse modo é que se pode ter uma vida mansa e tranquila, com piedade e honestidade. O *Comentário Bíblico Vida Nova*, organizado por D. A. Carson, menciona sobre o culto público e a oração:

O que é significativo é que Paulo não faz distinção entre os governantes justos e os que não são. Ele considera que o cristão tem responsabilidade de orar por aqueles cujos atos influenciam todos os cidadãos. Mas o propósito da oração é que os cristãos vivam vida tranquila e mansa, com toda piedade e respeito.⁷⁶

Portanto, tem-se visto um mundo conturbado, desmoralizado, incrédulo, mas todos têm que tomar consciência de que existem pessoas piedosas que buscam o desejo de Deus, que desejam a paz, a honestidade e justiça entre todos, por isso

⁷⁵ CHAMPLIN, R. N; BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. São Paulo: Candeia. 1995. p. 83.

⁷⁶ CARSON, D. A. *Comentário Bíblico Vida Nova*. São Paulo: Vida Nova. 2009. p. 1947.

oram. Por meio dessa postura de Paulo se pressupõe o grande poder que a oração tem, mas, para que isso seja uma realidade na vida de quem ora, primeiramente é imprescindível admitir o teísmo, o crer na existência de um Deus pessoal, o qual busca relacionar-se com os que o buscam (Hb 11.6) e que está no controle de todas as coisas.

Jó entendeu isso e seguramente afirmou que tudo estava no controle de Deus e que nenhum dos seus planos poderiam ser impedidos (Jó 42.2). Quem crê em Deus de verdade já abriu a porta para expulsar todo e qualquer sentimento de dúvida, incredulidade, permitindo assim que a oração tenha eficácia.

Neste aspecto da eficácia da oração, Wayne Grudem, no *Manual de Doutrinas Cristãs*, afirma:

[...] O senhor declarou a Moisés que ele haveria de destruir o povo de Israel por causa do seu pecado (Êx 32.9,10). Moisés, porém, suplicou ao Senhor, o seu Deus clamando: Ó Senhor, arrepende-te do fogo da tua ira! Tem piedade, e não tragas este mal sobre o teu povo (Êx 32.11,12). Então lemos: E sucedeu que o Senhor se arrependeu do mal que ameaçara trazer sobre o povo (Êx 32.14). Moisés orou, Deus e Deus respondeu. Quando Deus ameaça punir seu povo por seus pecados, ele declara: *“Se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, orar, buscar a minha face e se afastar dos seus maus caminhos, dos céus o ouvireis, perdoarei o seu pecado e curarei a sua terra”* (2Cr 7.14). Quando o povo de Deus ora (com humildade e arrependimento), então ele ouvirá e o perdoará. As orações do povo de Deus claramente afetam o modo como ele age. De modo semelhante, se confessarmos os nossos pecados, ele é *“fiel e justo para perdoar os nossos pecados e nos purificar de toda injustiça”* (1Jo 1.9). Nós confessamos, então Deus perdoa. Se estivermos realmente convencidos de que a oração muitas vezes muda o modo de Deus agir e que Deus realmente produz notáveis mudanças no mundo em resposta à oração (como a Escritura repetidamente nos diz que ele faz), deveremos orar mais do que oramos. Se oramos pouco, é provavelmente por que não cremos realmente que a oração realiza muitas coisas.⁷⁷

Sem dúvidas, a oração não muda Deus, mas afeta o modo como Deus age – é isso o que assegura Grudem. Não pode orar com eficácia quem não crê no que a Bíblia diz no tocante à oração. Essa tem sido a causa do desprezo manifestado para com a oração, pois da parte de muitos tem havido um ceticismo sem precedente, daí a escassez da oração em diversas igrejas e especialmente nos lares. Podem acontecer mudanças neste mundo pelo poder da oração, pois a oração tem suas consequências, realiza coisas, e é por isso que veementemente Paulo insistia na sua prática, como também solicitava que se orasse por ele (Ef 6.18.19).

⁷⁷ GRUDEM, 2007, p. 170.

Charles Hodge, falando do poder da oração, afirma em sua obra teológica que a rainha Maria da Escócia não estava fora de si quando disse que temia as orações de João Knox mais que temia um exército⁷⁸. Será que os líderes, os pastores, os cristãos estão despertando esse sentimento no povo, a ponto de solicitarem suas orações fervorosas? O descaso que se tem feito da oração por parte daqueles que não vivem no seio cristão é devido à falta de crença e devoção dos que dizem ser servos de Deus, mas que desprezam essa prática.

Não há que se negar, há necessidade de se orar, pois a oração traz grandes resultados. Atente para as palavras de João Calvino:

Da mesma forma, vemos que nada é colocado diante de nós como objeto de expectativa da parte do Senhor que não sejamos ordenados a lhe pedir em oração, e isso é tão verdadeiro que a oração desenterra os tesouros que o Evangelho de nosso Senhor revela aos olhos da fé. Nenhuma palavra pode expressar com suficiência a necessidade a utilidade do exercício da oração. Não é sem motivo que o Pai celestial declara que nossa única segurança reside em invocar o seu nome, pois, ao assim fazer, pedimos a presença de sua providência para cuidar de nossos interesses, do seu poder para nos sustentar quando estamos fracos e quase desfalecendo, de sua bondade para nos receber com favor, ainda que estejamos miseravelmente carregados de pecado; em suma, invocá-lo para que se manifeste a nós em todas as suas perfeições.⁷⁹

Quem deseja descobrir os tesouros divinos precisa olhar para o Evangelho com a prática da oração, pois a oração faz enxergar o que Deus tem para seus filhos. As consequências da oração são as mais diversas e, entre elas, se destacam o interesse divino por todos, o poder em ação pelos que oram, a força para vencer as fraquezas.

3.5 Conclusão

O objetivo principal desta seção foi destacar a importância de se analisar a oração dentro do escopo teológico, isso porque o alvo da teologia é expressar o racional da fé religiosa, como diz Charles Ryrie:

Então, podemos dizer que a teologia significa a interpretação racional da fé religiosa. A teologia cristã, portanto, é a interpretação racional da fé cristã.⁸⁰

Em sua natureza, a teologia tem seu aspecto inteligível, ou seja, a mente humana pode captar de modo ordenado e racional o aspecto espiritual de Deus. Ela

⁷⁸ HODGE, 2000, p. 1544.

⁷⁹ CALVINO, João. *Oração: o exercício contínuo da fé*. São Paulo: Vida. 2016. p. 9.

⁸⁰ RYRIE, 2004, p. 15.

busca evidenciar essa explicação pelo material da Palavra de Deus, o que se dá através da exegese bíblica, de maneira que dessa forma pode-se fazer a sistematização das ideias. Porém, o mais importante é afirmar que a fé do cristão se fundamenta na Bíblia e, sendo assim, a teologia visa atentar para as descobertas dos conteúdos bíblicos, buscando assim a sistematização das verdades que versam sobre Deus.

O propósito da teologia é levar à crença no verdadeiro Deus pelo texto bíblico e mostrar como Deus se aproxima do homem. Ficou claro então que, para se orar de modo eficaz, é preciso primeiro conhecer a Deus e que a teologia procura tratar do Deus pessoal que busca revelar-se às suas criaturas.

Sem o conhecimento de Deus, conforme está prescrito nas Escrituras, é impossível crer no sobrenatural, especialmente no poder que a oração tem, antes, se atentar para as coisas que acontecem neste mundo, afirmando que elas seguem um curso das leis naturais. Acreditar simplesmente na naturalidade das coisas descarta plenamente a Deus, todavia, a teologia deixa claro que Deus existe e que ele está no controle de todas as coisas.

Ficou esclarecido que pela teologia se tem conhecimento sistemático dos atributos de Deus e, desse modo, como objetivo de oração, pode-se entender suas qualidades e o modo de sua existência. Todos podem orar a um Deus pessoal que não somente tem poder, mas que pode ouvir e responder aos que o buscam de todo coração.

Finalmente, a oração tem sua dimensão espiritual; com isso o objetivo foi esclarecer que ela não acontece no campo da materialidade, mas, sim, da espiritualidade. O homem tem em sua constituição o lado imaterial ou espiritual e material, por isso sua alma anseia por Deus; ao orar ele está dentro dessa dimensão.

Portanto, a oração, quando considera o lado teológico, o conhecimento de Deus, o aspecto espiritual, revelando o desejo da parte imaterial do ser humano, gera a consequência da comunhão, do louvor, das ações de graças, por ter relação perfeita com Deus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AULÉN, Gustaf. *A fé cristã*. São Paulo: Aste. 1965.
- BAILEY, Ney. *Fé e emoções*. São Paulo: Candeia. 1994.
- BAYER, Oswald. *A teologia de Martinho Lutero*. São Leopoldo: Sinodal 2007.
- BERGSTÉN, Eurico. *Teologia Sistemática*. Rio de Janeiro: CPAD. 2006.
- BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Cultura Cristã. 2007.
- BIEHL, Bobb; HAGELGANZ, James. *Oração*. São Paulo: Vida. 1997.
- BOEHNER, Philotheus. *História da Filosofia Cristã*. Rio de Janeiro: Vozes. 2009.
- BOICE, James Montgomery. *Fundamentos da fé cristã: um manual de teologia ao alcance de todos*. Rio de Janeiro: Central Gospel. 2011.
- BOUNDS, E. M. *Poder através da oração*. São Paulo: EBR. 2001.
- BRANDT, Robert L.; BICKET, Zenas J. *O Espírito nos ajuda a orar*. Rio de Janeiro: CPAD. 1996.
- BRUCE, F. F. *João. Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova. 2006.
- CALVIN, John. *Institutes of the Christian Religion*. Westminster: John Knox Press. 1960.
- CALVINO, João. *Oração: o exercício contínuo da fé*. São Paulo: Vida. 2016.
- CARSON, D. A. *Comentário Bíblico Vida Nova*. São Paulo: Vida Nova. 2009.
- CARSON, D. A. *Teologia bíblica ou sistemática?* São Paulo: Vida Nova. 2001.
- CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*. São Paulo: Candeia. 1995.
- CHAMPLIN, R. N.; BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. São Paulo: Candeia. 1995.
- DELFINO, Cláudio Antônio. *Necessidade Humana de Deus hoje*. São Paulo: Paulinas. 2008.
- DOUGLAS, J. D. *O Novo Dicionário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova. 2006.
- DUEWEL, Wesley L. *Toque o mundo através da oração*. São Paulo: Candeia. 1996.
- EARLE, Ralph; SANNER, A. Elwood, CHILDERS, Charles L. *Comentário Bíblico Beacon, Mateus a Lucas*. Rio de Janeiro: CPAD. 2006.
- ERICKSON, Millard J. *Introdução à teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova. 1997.
- FURASTÉ, Pedro Augusto. *Normas Técnicas para o Trabalho Científico: Elaboração e formatação*. 14. ed. Porto Alegre: Brasul. 2006.
- GAARDER, Jostein. *O livro das religiões*. São Paulo: Companhia das Letras. 2000.
- GRENZ, Stanley J. GURETZKI, David, NORDLING, Cherith Fee. *Dicionário de teologia*. São Paulo: Vida Nova. 2001.

- GRUDEM, Wayne. *Manual de Doutrinas Cristãs: Teologia sistemática ao alcance de todos*. São Paulo: Vida. 2007.
- HALLESBY, O. *Oração*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana. 1990.
- HODGE, Charles. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Hagnos. 2000.
- HODGES, Zane; C. FARSTAD, Arthur. *Novo Testamento Interlinear Analítico*. São Paulo: Cultura Cristã. 2008.
- HODHEN, Huberto. *Agostinho: um drama de humana miséria e divina misericórdia*. São Paulo: Martin Claret. 2010.
- HOWARD, R. E. *Comentário Bíblico Beacon: Gálatas a Filemon*. Rio de Janeiro: CPAD. 2006.
- KELLER, Timothy. *Oração: Experimentando Intimidade com Deus*. São Paulo: Vida Nova. 2016.
- KESSLER, Nemuel. *Deus não desistiu de você*. Rio de Janeiro: CPAD. 2015.
- KIDNER, Derek. *Gênesis: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova. 2006.
- LANGSTON, A. B. *Esboço de Teologia Sistemática*. Rio de Janeiro: Juerp, 1986.
- LIBANIO, J. B.; MURAD, Afonso. *Introdução à teologia: perfil, enfoques, tarefas*. São Paulo: Loyola. 2000.
- LOPES, Leiliane Roberta. *Pesquisa americana diz que orar traz benefícios ao cérebro e à saúde*. 2011. Disponível em: <https://noticias.gospelprime.com.br/pesquisa-americana-diz-que-orar-traz-beneficios-ao-cerebro-e-a-saude> (acesso em: 18 nov. 2017).
- MARSHALL, I. Howard. *Atos: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova. 2006.
- MARSHALL, I. Howard. *I e II Tessalonicenses: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova. 2006a.
- MAXWELL, John. *Parceiros de oração*. Minas Gerais: Betânia. 1999.
- MCGRATH, Alister. *Teologia Sistemática, Histórica e Filosófica: uma introdução à teologia cristã*. São Paulo: Shedd. 2005.
- MILLER, Ed. L. *Teologia contemporânea*. São Paulo: Vida Nova. 2011.
- MORRIS, Leon L. *Lucas: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2006.
- PAIS, Léo Francisco. *Oração*. Rio de Janeiro: Juerp. 1992.
- PFEIFFER, Charles F.; HARRISON, Everett F. *Comentário Bíblico Moody: Josué a Cantares*. São Paulo: JBR. 2001.
- PFEIFFER, Charles F.; HARRISON, Everett F. *Comentário Bíblico Moody: Evangelhos e Atos*. São Paulo: JBR. 2001a.
- RYRIE, Charles. *Teologia básica ao alcance de todos*. São Paulo: Mundo Cristão. 2004.
- STOTT, John R. W. *I, II, III João: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova. 2006.
- STURZ, Richard J. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova. 2012.
- TASKER, R. V. G. *Mateus: Introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova. 2006.

THIESSEN, Henry Clarence. *Palestras introdutórias à teologia sistemática*. São Paulo: EBR. 1999.

TILLICH, Paul, *Teologia sistemática*. São Leopoldo: Sinodal. 2005.

VASCONCELO, Ana. *Manual compacto de sociologia*. São Paulo: Rideel. 2010.

WARE, Bruce. *Teísmo aberto*. São Paulo: Vida Nova. 2010.

Websites consultados

Doença psicossomática. 2017. Em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Doença_psicossomática

<https://noticias.gospelprime.com.br/pesquisa-americana-diz-que-orar-traz-beneficios-ao-cerebro-e-a-saude>